



Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio:

**um passeio pelos elementos
culturais da festa**

Georgia Rolim da Silva



Fotos de capa e verso de capa: Carregamento do Pau da Bandeira da Festa de Santo Antônio. Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.



Carregamento do Pau da Bandeira da Festa de Santo Antônio. Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.

FICHA CATALOGRÁFICA

S586f Silva, Georgia Rolim da.
Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio : um passeio
pelos elementos culturais da festa / Georgia Rolim da Silva, 2025.
120 f. : il.

Originalmente apresentado como Relatório Técnico de
Mestrado Profissional em História.
ISBN XXX-XX-XXX-XXXXX-X

1. • História - Estudo e ensino. 2. Patrimônio cultural - Ceará.
3. Religião. 4. Religiosidade popular. 5. Festas populares.
I. Título.

CDU

372.893

Luciana Vidal - CRB4/1338

Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio:

**um passeio pelos elementos
culturais da festa**

Georgia Rolim da Silva

RECIFE-PE
2025

Sumário

◆	Introdução	.8
◆	Linha do Tempo	.9
◆	Parte I	<i>Barbalha, Terra dos Verdes Canaviais</i> .11
◆	Parte II	<i>Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio</i> .19
◆	Parte III	<i>Roteiro Pedagógico</i> .29

Roteiro de Visita

1.	Sítio Flores ou São Joaquim	.31
2.	Igreja Matriz de Santo Antônio	.35
3.	Biblioteca Municipal e União das Associações de Barbalha	.45
4.	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	.49
5.	Escola dos Saberes	.53
6.	Reisados Sítio Lagoa/ Barro Vermelho	.63
6.1	Reisados de Congo	.67
6.2	Reisados de Couro (ou Caretas)	.68
6.3	Reisados de Bailes	.69
7.	Ordens Penitentes	.71
7.1	Penitentes Irmãos da Cruz	.73
7.2	Penitentes da Irmandade da Santa Cruz	.74
7.3	Penitentes das Santas Missões	.75

**Outras Manifestações da Cultura Popular
Existentes na Festa de Santo Antônio .76**

1. Capoeira .77

2. Incelências .79

3. Dança de São Gonçalo .81

4. Dança do Pau de Fitas .85

5. Maneiro Pau .88

6. Lapinha .92

7. Quadrilhas Juninas .95

8. Bandas Cabaçais .97

◆ **Parte IV** *Salvaguarda do Desfile dos Grupos de Folguedos
e das Bandas Cabaçais .101*

◆ **Parte V** *Dicas de Leitura .105*

◆ **Parte VI** *Sugestões de Atividades .109*

Referências Bibliográficas .112



Carregamento do Pau da Bandeira da Festa de Santo Antônio
Autor: Marco Antônio Sá. Data não especificada - IPHAN.

Introdução

Este roteiro será um material essencial para trabalhar a cultura local, o patrimônio e a relevância da Festa do Pau da Bandeira para a cidade de Barbalha. Como docente e professora de História do município, observo o quanto os alunos muitas vezes se sentem distantes desse universo cultural e dos elementos que compõem essa tradicional celebração. O principal objetivo deste produto é oferecer suporte aos professores da área de História e a outros interessados em explorar a história de Barbalha, desde sua fundação até os dias atuais.

Cada local incluído foi cuidadosamente selecionado para que o roteiro percorra os pontos mais significativos da cidade. O roteiro pedagógico proposto concentra-se exclusivamente nos espaços culturais ligados à Festa do Pau da Bandeira, abrangendo locais e grupos que mantêm viva essa tradição centenária. A metodologia de trabalho envolve visitas orientadas a esses espaços e o estudo aprofundado de manifestações como os Reisados e as Ordens dos Penitentes, fundamentais para a compreensão da identidade cultural de Barbalha.



Linha do Tempo

Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio

17 de agosto de 1846

Barbalha é emancipada e elevada à condição de Vila.

30 de agosto de 1876

Barbalha é elevada oficialmente à categoria de Cidade.

13 de junho de 1928

Realização do primeiro Cortejo do Pau da Bandeira, por iniciativa do Padre José Correia Lima.

Década de 1940

Início da carnavalização da festa, com elementos profanos sendo incorporados às celebrações religiosas.

1973

Início do processo de folclorização da Festa do Pau da Bandeira, promovido pela gestão do prefeito Fabiano Livônio Sampaio, com inserção de grupos culturais no evento.

1973 a 1977

Consolidação simbólica da festa como patrimônio cultural caririense, intensificando sua visibilidade e estruturação para o turismo.

2000

Criação do Decreto nº 3.551, que institui o registro dos bens culturais imateriais no Brasil, incluindo o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

2002

Primeira solicitação de reconhecimento da festa como patrimônio cultural, feita pelo Instituto de Arquitetos do Brasil - Seção Ceará, dentro do Projeto Cariri.

Abril de 2010

Pedido formal de registro da festa como bem imaterial é encaminhado pela Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha, com apoio de diversas instituições locais (Prefeitura, UNAB, ICVC, Câmara Municipal, Centro ProMemória).

Setembro de 2015

A Festa do Pau da Bandeira é oficialmente registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN, sendo a primeira celebração cearense a constar no Livro das Celebrações.



Brincantes descansando. Autor: Jeferson Yamaguchi, 2010 - IPHAN.

Parte I

*Barbalha,
Terra dos Verdes Canaviais*



Parte I

Barbalha, Terra dos Verdes Canaviais

Grande parte do território cearense está situada no semiárido, que se caracteriza por um clima tropical, quente e seco. Na região sul do estado, encontra-se o Cariri, composto por 28 municípios, destacando-se Juazeiro do Norte como a principal cidade. Juazeiro do Norte é um importante centro comercial e cultural, atraindo anualmente milhares de romeiros em devoção ao padre Cícero Romão Batista, um influente líder religioso do século passado reverenciado em todo o sertão nordestino (Silva, 2019).

A Região Metropolitana do Cariri (RMC) destaca-se pela sua dinâmica e integração, especialmente na aglomeração das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, conhecida como Crajubar. As demais cidades da região assumem predominantemente o perfil comum às localidades do semiárido, atuando como pontos de oferta de serviços para a população rural circunvizinha (Silva, 2019).

A conquista do Cariri pelos colonizadores luso-brasileiros data do século XVIII, com a doação de sesmarias que permitiu a chegada dos primeiros conquistadores vindos de Pernambuco, Bahia e Sergipe, visando à expansão da pecuária. A chegada desses colonizadores foi marcada pelo extermínio de muitos nativos e pela organização de aldeamentos sob a responsabilidade de missionários capuchinhos. Esses missionários, aliados aos sesmeiros, justificaram a desapropriação das terras indígenas. Da ação missionária surgiram importantes povoados na região, como Missão Velha e Crato, antiga Missão do Miranda (Della Cava, 1976).

Os colonizadores chegaram ao Cariri pelo Riacho dos Porcos. A abundância de terras férteis e recursos hídricos facilitou o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar, que logo se tornou uma atividade

econômica predominante, superando a pecuária introduzida pelos primeiros sesmeiros (Figueiredo Filho, 1966).

A civilização caririense nasceu com o ciclo do couro. Foi em busca de campos currais para o gado que sertanista penetrou no interior, devassando léguas e léguas de terras. A fertilidade do solo caririense com terrenos irrigados e de massapê, levou o homem a trocar em parte o pastoreio pelo cultivo do solo e assim o colono apegou-se ao campo, utilizando o braço do indígena (Figueiredo Filho, 1966, p.108)

Os aldeamentos foram essenciais para disseminar o modo de vida dos colonizadores entre os indígenas, que foram gradualmente expulsos e transferidos para Parangaba, no norte do Ceará. Apesar dessa expulsão, a cultura e a visão de mundo dos indígenas kariri permaneceram vivas através da oralidade e de práticas culturais e religiosas mantidas em segredo. A influência indígena ainda é evidente no modo de vida caririense, nas bandas cabaçais, nas lendas sobre nascentes ocultas, nas histórias de assombração e no uso de ervas medicinais (Pinheiro, 1950).

A chegada de mineradores de outras localidades, principalmente da Paraíba, em busca de ouro na região em 1756, também influenciou o Cariri. A mineração, que empregava mão de obra escrava, teve curta duração, mas deixou um legado significativo. O trabalho escravo foi redirecionado para os engenhos e o cultivo da cana-de-açúcar, contribuindo para a riqueza do Cariri e incorporando elementos culturais africanos na formação cultural da região (Frazer, 1982).

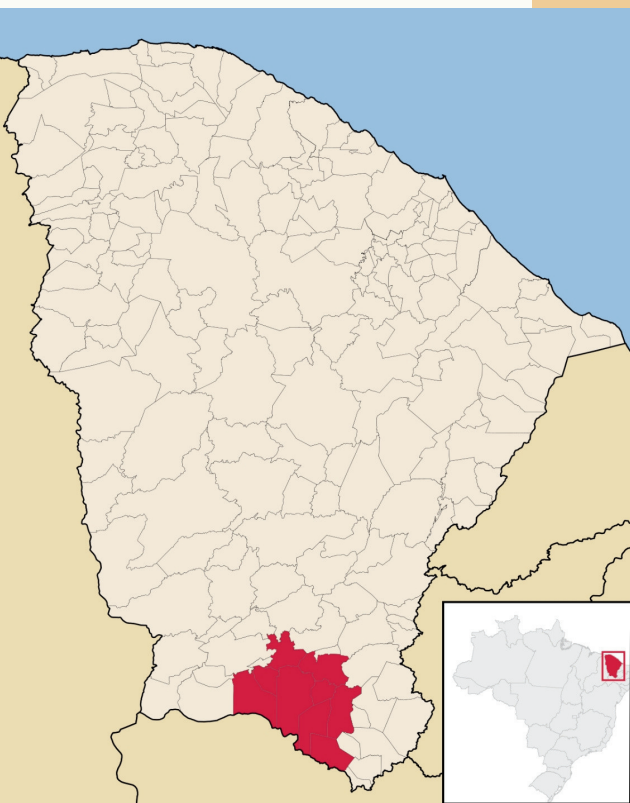
Essa convivência entre índios, negros e colonizadores vindos de Pernambuco, Sergipe e Bahia criou um caldeirão cultural

no Cariri, resultando em uma multiplicidade de manifestações culturais evidentes nas celebrações, ofícios, saberes e fazeres do povo da região. Esse amálgama cultural foi continuamente reelaborado e subsiste nas expressões da cultura popular em muitos municípios do Cariri.

Barbalha se consolidou como um polo canavieiro e grande produtora de rapadura. No século XIX, a cidade contava com mais de 70 engenhos, 13 fábricas de aguardente e 150 casas de farinha, sendo considerada uma das cidades mais ricas da região. Os primeiros canaviais e engenhocas de madeira pertenceram a Antônio de Souza Goulart, nos sítios Salamanca, Brito e Lama, áreas conhecidas hoje como o "tapete verde" do município devido à contínua produção de cana-de-açúcar (Brito, 1985).

Por outro lado, a cidade de Barbalha teve suas origens ligadas à devoção a Santo Antônio. A Festa de Santo Antônio, cujo início remonta à inauguração da primeira capela em 1790, foi oficializada em 1841 e se consolidou como a mais importante e duradoura manifestação cultural do município. Segundo Océlio Teixeira de Souza (2000, p. 18):

A devoção a Santo Antônio, em Barbalha, remonta a 1778, quando o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, quarto proprietário da fazenda Barbalha, considerado pelos historiadores locais como o fundador de Barbalha, solicitou, ao Visitador Manoel Antônio da Roxa, que naquele ano estava em visita à Freguesia de São José dos Cariris Novos (hoje Missão Velha), licença para construir uma capela em louvor ao santo de Lisboa. A licença foi concedida pelo Visitador e confirmada pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Diogo de Jesus Jardim. A capela foi construída, sendo benzida e entregue ao proprietário da fazenda Barbalha pelo 6º Vigário de Missão Velha, padre André da Silva Brandão, em 23 de dezembro de 1790 (Souza, 2000, p. 18)



Mapa do Ceará com destaque à região do Cariri. IBGE, 2019.

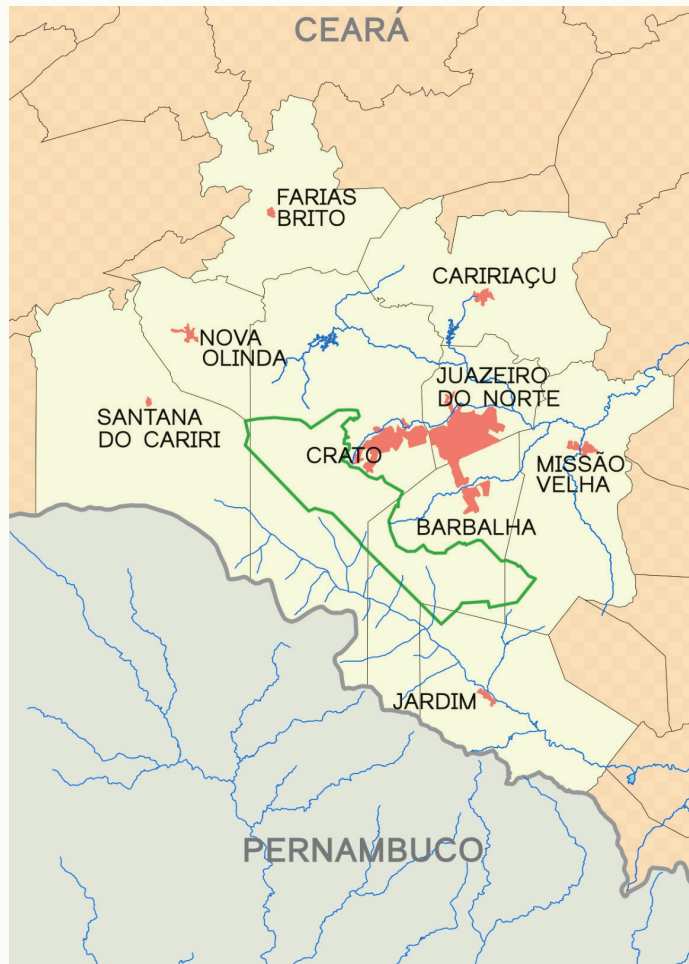
Em agosto de 1838, através da Lei nº 130, de 30 de agosto, Barbalha foi elevada à freguesia, desmembrando-se da freguesia de Missão Velha, tendo como padroeiro Santo Antônio (Studart, 1888). Em 1846, por meio da Lei nº 374, de 17 de agosto, Barbalha foi promovida à condição de vila. Trinta anos depois, em 30 de agosto de 1876, pela Lei nº 1740, Barbalha foi elevada à categoria de cidade (Feijó de Sá, 2007, p. 42).

Francisco Freire Alemão, membro da Comissão Científica de Exploração, visitou Barbalha na década de 1860 e observou que a vila estava "assentada no alto de um monte". Barbalha causou boas impressões ao botânico, que a considerou "muito superior" a algumas vilas adjacentes por onde também passou, como Exu, em Pernambuco, e Jardim (Alemão, 2007).

Guilherme Studart, em 1888, também fez alguns comentários sobre a Matriz de Barbalha, cerca de 30 anos após as observações de Freire Alemão. Studart (1888) afirmou que a população e a riqueza de Barbalha estavam circunscritas a um espaço de aproximadamente três léguas. Segundo o autor:

Possue a cidade optima, e bem paramentada Matriz, que mede 88 palmos de frente e 206 de fundo; uma casa de caridade inaugurada a 28 de Março de 1869, devida, como as de outros muitos pontos da Província, ao zelo apostólico do Padre Ibiapina, na qual se achão agasalhadas 41 pessoas, sendo a mor parte ophans desvalidas; um cemitério com bonita capella, o qual mede 116 palmos de frente e 392 de fundo e está collocado n'um alto, o que lhe dá vista pittoresca para todos os lados, sobretudo para o lado do grande Brejo do Salamanca; boa casa de camara, com segurissima cadeia [...], uma cacimba publica, á margem direita do brejo, obra de importancia e utilidade; 2 escolas publicas frequentadas por 93 alumnos do sexo masculino e 65 do femenino; um pequeno collegio com 16 alumnos e 2 aulas nocturnas. Conta 2 pharmacias, 19 lojas de fasenda, molhados e ferragens, 16 tavernas alem do crescido numero de vendolas.

(Studart, 1888, p. 11-12)



Mapa do Cariri. IBGE, 2019.

Em 1888, Barbalha contava com 738 casas, das quais 6 eram sobrados; em 1910, esse número subiu para 1.000 casas e 16 sobrados, assim, o desenvolvimento urbano refletiu o crescimento da produção agrícola e comercial local. Embora Barbalha não tenha tido um avanço econômico notável, ela se destacou na província cearense devido ao acesso facilitado a diversas correntes de água, como Caldas, Farias, Santa Rita, São Joaquim, Mello, Brejão, Cocos e Loanda, que favoreciam a produção agrícola local (Pinheiro, 2009).

Por esse motivo, a agricultura era a principal atividade econômica de Barbalha. A cidade produzia cana-de-açúcar, arroz, fumo, mandioca, milho, feijão, algodão e batatas, atendendo às demandas internas e de localidades adjacentes. Durante a seca de 1877-1879, Barbalha atraiu migrantes de várias regiões, incluindo o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte, devido à disponibilidade de recursos hídricos e alimentares (APEC, 1891).

No limite Sul do município principalmente é que está, por assim dizer, toda sua importância, porquanto por ahi encontram-se as nascentes donde partem as aguas por levadas, que são utilizadas na irrigação dos terrenos de cultura. As nascentes mais notaveis pela abundancia de suas aguas, e das quaes algumas são apreciadas pelos efeitos therapeuticos, são as seguintes: Caldas, a principal d'ellas, Farias, Santa Rita, S. Joaquim, Sacco, Podre, Santa Cruz, Macahyba, A. Antonio, Mello, Brejão, Cocos e Loanda.

(Studart, 1888, p.10)

Em resumo, os recursos hídricos desempenhavam um papel fundamental na cidade de Barbalha. Guilherme Studart (1888) destacou a importância das fontes de água para a região ao mencionar que os códigos de posturas de Barbalha incluíam regulamentos rigorosos para preservar esses recursos.

Os proprietários de terras ao longo do rio Salamanca eram obrigados a limpar o rio anualmente em outubro, sob pena de multa. Havia também proibições contra o desvio de águas destinadas ao uso doméstico e à bebida de animais, além de restrições ao uso de fontes públicas para lavar animais, pessoas, roupas ou outros itens que pudessem poluir a água (Studart, 1888). Essas preocupações com a gestão das águas não eram exclusivas de Barbalha; diversas vilas cearenses incluíam normas similares em seus códigos de posturas para proteger rios, riachos, lagoas e córregos que atravessavam seus territórios

No campo político, a trajetória de Barbalha foi marcada por complexas relações com os municípios vizinhos. No início do século XX, durante o período da "Sedição de Juazeiro", a cidade se posicionou como adversária política de Juazeiro do Norte. Esse alinhamento político resultou em severas represálias, incluindo a invasão e o saque de estabelecimentos comerciais importantes, o que provocou um profundo abalo na economia local e inaugurou um período de estagnação econômica que se estendeu por mais de três décadas (Oliveira, 1999).

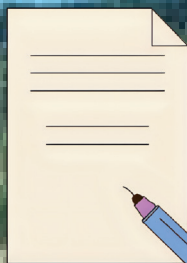
Ainda de acordo com Oliveira (1999), a partir de meados do século XX, Barbalha vivenciou um processo de modernização, embora tardio. A introdução de motores a vapor e a diesel nos engenhos e, posteriormente, a expansão da energia elétrica, alteraram gradualmente a estrutura produtiva e o modo de vida na região. Contudo, a economia baseada na rapadura entrou em declínio a partir da década de 1950, forçando o município a buscar novas alternativas. Na década de 1970, o turismo emergiu como um novo vetor econômico, explorando o potencial paisagístico e climático da Serra do Araripe.

Ao abordar o contexto histórico de Barbalha e os processos de consolidação de seus bens culturais, Nogueira (2021) oferece contribuições relevantes sobre a configuração territorial do município e sua relação com a construção do patrimônio local. Vejamos:

De povoado a vila, depois a província e cidade, Barbalha constitui-se hoje um “celeiro cultural” não só para o Nordeste, mas também para o mundo. Abriga uma rica diversidade simbólica-cultural, que perpassa manifestações culturais, culinária, poesia, literatura, danças, o patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, outros aspectos se entrelaçam para além da projeção cultural, numa relação de diálogo entre fatores sociais, naturais, políticos e econômicos que impulsionam a cidade e a região. Nesse sentido, defende-se a instrumentalização e ações de salvaguarda dos bens culturais locais, com vista tanto ao desenvolvimento sociocultural como à preservação ancestral e histórica do lugar (Nogueira, 2021, p. 73).

Neste cenário rico em manifestações culturais, destacam-se as danças e expressões de origem afrodiáspórica, desenvolvidas por grupos provenientes das zonas rurais de Barbalha-CE. Esses grupos integram o patrimônio imaterial da região, reconhecido e legitimado pelo IPHAN por meio de suas políticas de salvaguarda voltadas aos bens culturais de natureza humana. A autora ressalta, no entanto, que a valorização efetiva dessas manifestações ainda encontra entraves, pois as políticas públicas existentes nem sempre se mostram acessíveis ou eficazes para os praticantes dessas tradições.

Esses sujeitos culturais vivenciam, em suas práticas sociais, um modo de vida (ethos) repleto de significados, símbolos e saberes transmitidos entre gerações. Para garantir uma valorização mais ampla e duradoura do patrimônio imaterial nordestino, a autora defende a importância de promover o diálogo e a conscientização entre os próprios detentores dessas tradições. Afinal, sem herdeiros conscientes de seu legado histórico e cultural, não é possível assegurar a preservação e a continuidade desses bens.



Por dentro da História

1: Qual atividade econômica se tornou predominante em Barbalha após a chegada dos primeiros sesmeiros?

A cana-de-açúcar, superando a pecuária introduzida pelos primeiros sesmeiros.

2: Qual era a principal atividade econômica de Barbalha no final do século XIX?

A agricultura, produzindo cana-de-açúcar, arroz, fumo, mandioca, milho, feijão, algodão e batatas.

3: Como a sedição de Juazeiro impactou a economia de Barbalha no início do século XIX?

A sedição de Juazeiro causou severas represálias, incluindo a invasão e o saque de estabelecimentos comerciais, o que provocou um profundo abalo na economia local e uma estagnação que durou décadas.



Pau da Bandeira na manhã seguinte ao hasteamento.
Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.

Parte II

*Festa do
Pau da Bandeira de
Santo Antônio*

Parte II

Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio

As festas de padroeiros refletem a natureza da relação entre as pessoas e o santo, semelhante a um laço de parentesco que traz proximidade e identificação, tornando o santo mais acessível. Isso pode se manifestar por meio de oferendas, sacrifícios, promessas, rituais ou preces, onde a certeza da resposta se perpetua no imaginário popular, na expressão: "o santo é de casa". D'Abadia observa que "o santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade. Por isso, a consagração de capelas, igrejas e paróquias faz parte de ações práticas da Igreja Católica" (2010, p. 103).

Foi exatamente isso que ocorreu em Barbalha. Os festejos em honra ao santo são uma expressão proeminente da identidade dos barbalhenses, mesmo hoje, quando o cenário religioso local abrange mais do que apenas o catolicismo.

Esse ritual em torno do mastro, ou "pau da bandeira", atrai não só os moradores, mas também pesquisadores interessados na importância dos rituais que o envolvem. Escolher uma árvore em uma localidade distante, cortá-la, descascá-la e transformá-la em mastro é um processo que envolve a comunidade. Após descansar à beira da estrada por alguns dias, o mastro é transportado por muitos homens até a Igreja Matriz de Santo Antônio, onde é erguido para sustentar a bandeira do santo. Essas celebrações coletivas em torno do mastro tornaram-se tão significativas que a festa passou a ser conhecida como a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: uma festa dentro da festa (Santos, 2015).

Não se pode visitar Barbalha sem conhecer a mais ilustre solteira da cidade, conhecida por dominar todas as simpatias relacionadas ao santo casamenteiro, Santo Antônio. Na casa com uma imagem do santo na fachada, reside a "rainha das solteironas" de Barbalha.

Há uma década, a advogada Socorro Luna coordena a festa das solteironas de Barbalha. Ela é renomada por criar kits de primeiros socorros para mulheres solteiras, uma inovação que atribui à inspiração de Santo Antônio.

Esses kits, que incluem pedaços do mastro da bandeira de Santo Antônio, são altamente desejados pelas solteiras. Cada kit contém um pedaço da casca do mastro, uma medalha com a inscrição "Santo Antônio, tende piedade de nós, as solteironas", uma medalha de Santo Antônio e uma oração especial pedindo um namorado bom, fiel e com pressa para o matrimônio.

Além da oração, há também o chá casamenteiro, cujo principal ingrediente são pedaços do mastro da bandeira de Santo Antônio. A advogada adverte que o chá é contraindicado para aqueles que não desejam casar. O chá deve ser consumido em gotas, especialmente se a solteirice for aguda, devendo-se tomar 13 gotas, quatro vezes ao dia, durante 13 dias.

A empresária Sandra Mendes, vinda de São Paulo, relata que há uma fila de espera para o chá casamenteiro em sua cidade. Ela veio especialmente para adquirir o chá e outros itens, acreditando que está na hora de um bom casamento. A barraca das solteironas e o chá casamenteiro são um sucesso na festa de Santo Antônio, com filas e muita procura, e todo o dinheiro arrecadado é destinado à igreja (Castro, 2011).

Outro exemplo é o engenheiro civil Roberto Machado Leite Machado, que testemunha o poder de Santo Antônio. Após sua noiva, a cientista política Cláudia Helena Jorge, conseguir tomar o chá casamenteiro, ele passou a planejar o casamento, algo que anteriormente não imaginava. Roberto até doou sua caderneta de contatos no dia do casamento, reconhecendo a influência do santo (Castro, 2011).

A tradição da festa envolve homens que trazem um tronco de árvore, que será o mastro para a bandeira de Santo Antônio, em uma procissão que percorre nove quilômetros até a Igreja Matriz de Santo Antônio. A caminhada

dura um dia inteiro e envolve cerca de 150 carregadores, que se revezam na tarefa árdua de transportar o mastro.

Se as simpatias com Santo Antônio não funcionarem, ainda há uma alternativa: São José, que também é conhecido por sua habilidade de arranjar bons casamentos. Em Altos, no Piauí, o vaqueiro Hortêncio Viana, de 48 anos, faz seu pedido cantando para São José. Segundo o padre Juscelino Sousa, não há concorrência entre os santos, pois todos pertencem à mesma família (Souza, 2000).

Lidia Rafaela Nascimento dos Santos (2011) defende a normatização das festas e sua apropriação nos calendários. A autora destaca que as inúmeras atividades cotidianas, como trabalho e lazer, são frequentemente vistas como opostas, mas são complementares para o equilíbrio social.

Dessa forma, a normatização do tempo de diversão é uma estruturação social essencial para garantir que o lazer tenha um espaço legítimo e reconhecido na vida das pessoas, promovendo um equilíbrio saudável entre trabalho e descanso, fundamental para o bem-estar individual e social (Santos, 2011).

Essa realidade não é diferente na cidade de Barbalha/CE. Treze dias constituem a Trezena de Santo Antônio, durante os quais a cidade permanece em festa. A devoção a Santo Antônio em Barbalha, analisada de forma diacrônica, revela os processos de transformação pelos quais passou, resultando na atual Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. O historiador Océlio Teixeira de Souza (2000) identifica três momentos significativos que indicam mudanças na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. O primeiro momento refere-se ao início do Cortejo do Pau da Bandeira em 1928, sob a iniciativa do Padre José Correia Lima, onde predominava o aspecto "religioso oficial" controlado pelo vigário.





Carregamento do Pau da Bandeira.
Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.

O historiador Océlio Teixeira de Souza (2000) identifica três momentos significativos que indicam mudanças na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. O primeiro momento refere-se ao início do Cortejo do Pau da Bandeira em 1928, sob a iniciativa do Padre José Correia Lima, onde predominava o aspecto "religioso oficial" controlado pelo vigário.

O segundo momento, descrito por Océlio, refere-se ao processo de carnavalização da festa a partir da década de 1940. O terceiro momento é a folclorização da festa a partir da década de 1970, que integra elementos folclóricos à celebração (vide linha do tempo no início do livro).

No dia do carregamento, enquanto os carregadores se preparam para o sacrifício devocional de transportar o pau da bandeira de Santo Antônio, nas imediações da Igreja Matriz, diversos grupos folclóricos começam a se reunir e organizar. Em 1997, a Revista "O Povo" declarou que:

Os coloridos e espelhados trajes dos Reis de Congos, à frente o Mateus careteiro, com o rosto preto de fuligem, a língua como uma cobra na boca banguela. A festa que os músicos populares anunciam é quebrada pela chegada soturna de dois grupos de penitentes, com suas opas pretas e azuis, os capuzes escondendo as caras magras, as manchas, as dores, o aço cortante da "disciplina" lembrando o sacrifício destes romeiros milenares. De onde vem este povo de fé.

(Revista O Povo, 1997)

Josier Ferreira da Silva (2013), em suas lembranças, remete à festa de outros tempos e descreve o desfile dos grupos folclóricos.

Ao amanhecer, o sol de domingo estende seus primeiros raios sobre a cidade. É o parto do dia, que nasce ao som do pipocar dos fogos, dos dobrados das bandas de música e das bandas cabaçais em alvoradas festivas, abrindo a Festa do padroeiro da cidade. Grupos de brincantes da cultura popular se deslocam dos sítios e bairros para ruas da cidade, marcado por sobrados e casarões do século XIX.

[...]

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça, jogando, praticando tiro ao alvo, rodando nos carrosséis. O clima festivo, em sintonia com a fé no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para, em algumas horas, no período da tarde, ver a chegada do pau da bandeira na cidade. Como num incremento de ansiedade, o próprio locutor intercalava as apresentações fazendo referência sobre o peso e tamanho do mastro a ser deslocado nos ombros dos devotos, da mata até a cidade (Silva, 2013, p. 222)

Voce sabia?

Em Barbalha, as festividades de Santo Antônio duram 13 dias e esse período é chamado de Trezena de Santo Antônio

As descrições presentes em jornais cearenses e na memória daqueles que acompanharam a festa ao longo dos anos destacam a diversidade de grupos, cores e sons que configuram o tom festivo da cidade. A diversidade presente no dia do carregamento, embora espontânea em outros tempos, é atualmente motivada e organizada pelo poder público para atrair turistas e celebrar a fé e devoção ao santo padroeiro.

Além disso, Gorete Pereira Amorim Lima (2003), que trabalhou na organização da festa e lidou diretamente com os grupos folclóricos, compartilha suas experiências sobre a preparação e apoio prestado pelo poder público. Suas palavras destacam o esforço para garantir que a participação dos grupos ocorra da melhor maneira possível, refletindo a importância da festa para a identidade cultural de Barbalha e seu papel na atração de visitantes.

Jornalistas entusiasmados se aglomeram para registrar os melhores momentos de cada manifestação folclórica. A cidade, já inteiramente decorada com bandeirinhas coloridas, cartazes, bonecos gigantes, barracas de comidas típicas e artesanatos locais, ganha outros contornos, movimentos e cores à medida que essas expressões se espalham e se movimentam pelas ruas de Barbalha, nas proximidades da Igreja Matriz.

Após algumas horas, os grupos se organizam para iniciar o desfile pela cidade. Antes de começarem o desfile, os integrantes dos grupos entram na Igreja Matriz, onde pontualmente às 9 horas da manhã ocorre uma missa que abre os festejos de Santo Antônio e se prolonga até às 11 horas. Esta missa tem uma estética de espetáculo, com cores vibrantes dentro da igreja. Quadrilhas e outros festejantes enchem o interior da matriz para ouvir cantadores e emboladores (Praciano, 1993). Durante a missa, os fiéis são convocados ao ofertório, trazendo produtos agrícolas típicos da região. De acordo com o Diário do Nordeste (1988, p. 9):

MISSA POPULAR

Foi assim que uma senhora tradicionalista rotulou a missa celebrada pelo padre Danielle, acompanhada por um coro que castigou na música de protesto, puxada a sanfona e violão. Tendo ainda a participação do cantador Pedro Bandeira no agradecimento das oferendas. Bandeira, com aquela desenvoltura que o caracteriza, ocupou o lugar do padre no altar e soltou as rimas. Apoiando no refrão “deste meu Brasil caboclo de mãe preta e pai João, respondido com entusiasmo pela moçada “pra frente”. Produtos agrícolas, queijo e rapadura, enfeitavam a mesa das oferendas. Muito milho para a canjica do padre, aliás um apreciador do produto. Este ano, porque o inverno foi bom, os doadores carregaram na oferta.

Após a missa, os grupos - incluindo penitentes, banda de pífanos, lapinhas, maneiro pau, reisados e outros - se reúnem em um desfile, percorrendo as principais ruas de Barbalha até chegarem à Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

De acordo com os escritos de Cícera Patrícia Alcântara Bezerra (2010), o ambiente em torno da Igreja de Santo Antônio durante a Festa do Pau da Bandeira, destacando a dinâmica entre o espaço sagrado (interior da igreja) e o profano (exterior), onde as pessoas circulam intensamente. Para a autora, após a missa, forma-se uma multidão heterogênea que aguarda o desfile folclórico. A composição do desfile muda ao longo dos anos, refletindo alterações políticas e religiosas.

No meio desse colorido, destacam-se os penitentes, vestidos de preto e branco, com expressões sérias e comportamentos reservados, em contraste com a alegria dos demais grupos. Esses carregam apenas uma cruz de madeira coberta por tecido com a inscrição: “Viva Jezus para sempre”, chamando atenção pela sobriedade e pelo simbolismo religioso que trazem ao cortejo (Bezerra, 2010).

Assim como destacado por Bezerra (2010), a folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, especialmente em 1973, marca uma importante fase de transformações promovidas pelo poder público local, com o objetivo de reconfigurar o evento enquanto patrimônio cultural e atrativo turístico.

Océlio Teixeira (2000) menciona que esse processo teve início na década de 1970, quando a Prefeitura passou a intervir diretamente na organização da festa, promovendo ações que visavam estruturá-la sob um modelo mais institucionalizado e controlado. Segundo o autor, inseriu a celebração dentro de um circuito político e midiático, mudando significativamente sua dinâmica original.

Nesse período, a gestão do prefeito Fabriano Livônio Sampaio foi fundamental para consolidar a festa como um espetáculo cultural. A partir de 1973, ações como a regulamentação do cortejo, a definição de normas para o transporte do mastro e a padronização de elementos festivos buscaram tornar a celebração mais segura e adequada aos interesses turísticos (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013). Além disso, houve um esforço em fortalecer o caráter regional da festa, com o incentivo à participação de grupos folclóricos como reisados, quadrilhas e bandas cabaçais (Barbalho, 1998), o que ampliou o apelo da festa junto ao público visitante.



**Chegada do carro andor à Igreja Matriz.
Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.**

O investimento em infraestrutura também foi uma marca dessa nova fase. A partir de 1974, a Prefeitura melhorou ruas, criou espaços para o público e organizou o comércio informal com barracas padronizadas, buscando transformar a festa em um evento economicamente viável (Oliveira, 1999). Outra estratégia foi a presença constante de políticos locais e estaduais nos festejos, aproveitando-se da visibilidade popular da festa como plataforma para promoção política (Barbalho, 1998). Tais mudanças, embora eficazes em promover a festa, também geraram tensões quanto à preservação de sua essência tradicional e comunitária.

A Igreja Católica, por sua vez, buscou manter o equilíbrio entre tradição e modernidade, reafirmando o caráter devocional da festa. Mesmo com a crescente organização promovida pelo poder público, o clero local interveio em diversos momentos para preservar a dimensão religiosa da celebração. Paralelamente, a inclusão dos grupos populares e o reconhecimento das manifestações culturais tradicionais contribuíram para o fortalecimento da identidade regional e para a valorização dos saberes locais, mesmo dentro de um contexto de modernização.

Conforme estudado anteriormente, o patrimônio cultural torna-se também mediador entre Memória e História, assumindo o papel de objeto vivo para refletir sobre o passado, interpretar o presente e projetar possibilidades de futuro. Assim, mesmo com definições diferentes e abordagens metodológicas, os bens culturais operam como instrumentos de mobilização para compreendermos os diferentes espaços e tempos que compõem nossa experiência social (Carvalho; Meneguello, 2020).

Assim, esse período compreendido entre 1973 e 1977 foi decisivo para o processo de patrimonialização da Festa do Pau da Bandeira, consolidando-a como símbolo da cultura caririense. As transformações estruturais, políticas e simbólicas promovidas pelo poder público contribuíram para projetar a festa em âmbito nacional, tornando-a um bem cultural de destaque.

Segundo José Ítalo Bezerra Viana (2017), o reconhecimento da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha como Patrimônio Cultural do Brasil foi resultado de um longo e complexo processo de articulação institucional, técnica e simbólica. A festa foi registrada como bem imaterial pelo IPHAN em setembro de 2015, sendo a primeira celebração cearense inscrita no Livro das Celebrações.

Para o autor, esse reconhecimento teve início formal com um pedido encaminhado em 2010 pela Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha, contando com o apoio de diversas instituições locais, como o Instituto Cultural do Vale Caririense, a Prefeitura, a Câmara Municipal, a UNAB e o Centro ProMemória Josafá Magalhães. O processo de patrimonialização, no entanto, remonta a 2002, quando o Instituto de Arquitetos do Brasil – Seção Ceará já havia solicitado o reconhecimento da festa, inserindo-a no contexto do chamado Projeto Cariri, que buscava valorizar o patrimônio imaterial da região, tida como um “caldeirão da cultura popular” do Ceará (Brasil, 2013).

O reconhecimento da festa passou a integrar uma política nacional de proteção dos bens culturais imateriais, estabelecida com a criação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e, posteriormente, com a instituição legal do registro como forma de proteção patrimonial, conforme o Decreto nº 3.551/2000. O INRC permitiu mapear os aspectos simbólicos, rituais e históricos da festa, servindo de base para a produção do dossiê etnográfico, documento essencial no processo de registro (Brasil, 2013).

Na visão de Viana (2017), a patrimonialização da festa não se resume a um reconhecimento técnico, mas representa um processo simbólico de afirmação identitária e construção de pertencimento coletivo. O dossiê, enquanto prática social e discursiva, legitima a festa como expressão cultural representativa, justificando as políticas públicas voltadas à sua valorização, salvaguarda e continuidade.

Por sua dimensão simbólica, caráter religioso e sociocultural, a Festa do Pau da Bandeira ultrapassa o campo da festividade e se consolida como manifestação coletiva de memória, identidade e pertencimento. A própria continuidade da celebração ao longo das décadas, permeada por elementos tradicionais e ressignificações contemporâneas, reforça seu status como bem cultural imaterial.



Por dentro da História

1: Quais são os três momentos de transformação percebidos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio?

Os três momentos são: o início do cortejo em 1928, com o aspecto religioso, depois a carnavalização, na década de 1940 e, por fim, a folclorização, a partir da década de 1970.

2: Como é realizado o transporte do mastro da Bandeira de Santo Antônio?

Após cortada e descascada a árvore, ela é transportada numa procissão que percorre 9km e dura um dia inteiro até a Igreja Matriz de Santo Antônio.

3: Além de ter sido registrada como bem imaterial pelo IPHAN, qual outra característica teve esse registro na cultura cearense?

A Festa do Pau da Bandeira foi a primeira celebração cearense inscrita no Livro das Celebrações.

Parte III

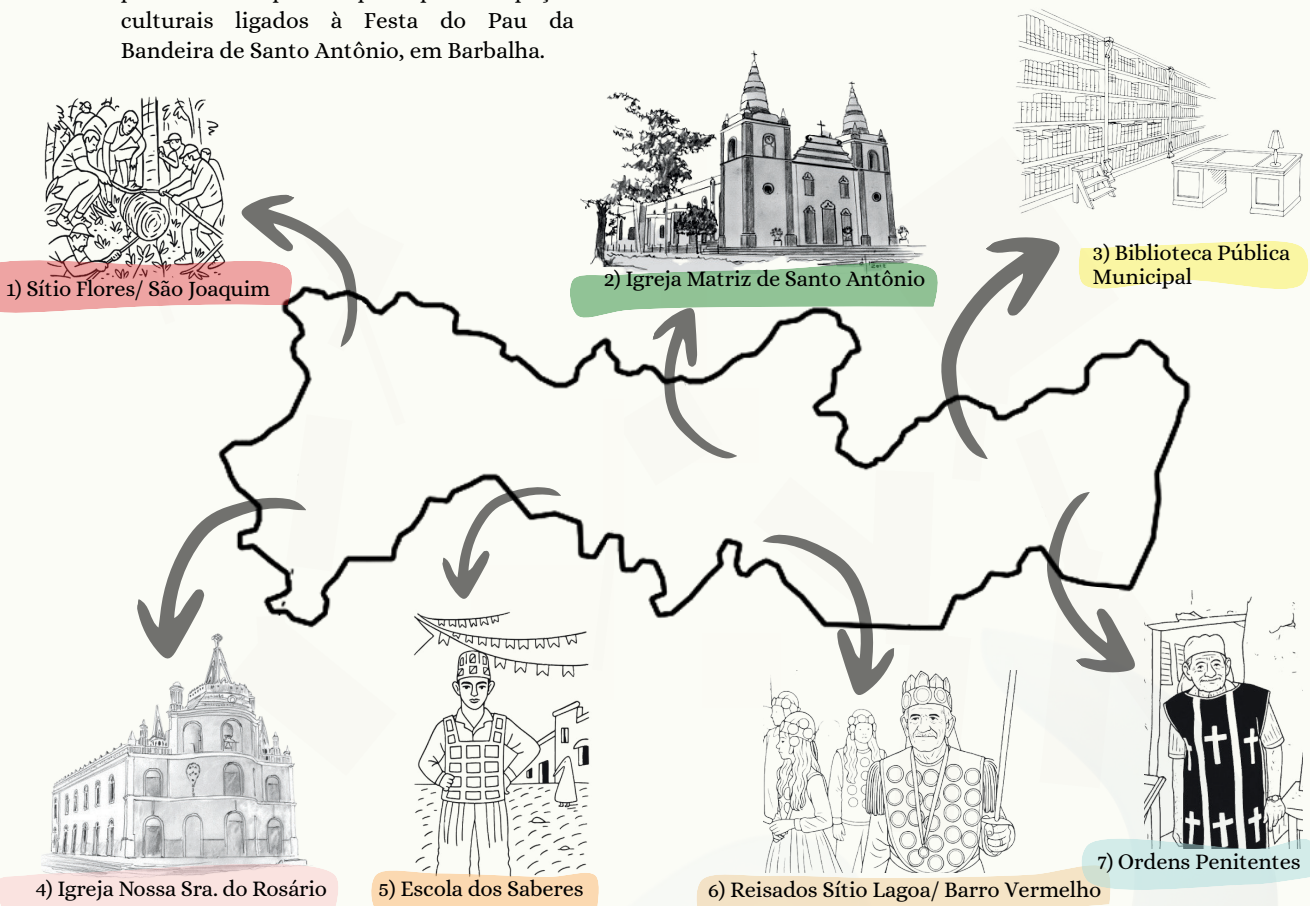
Roteiro Pedagógico



Parte III

Roteiro Pedagógico

Esse mapa ilustrativo apresentado tem como finalidade guiar de forma didática e acessível a trajetória dos alunos e professores pelos principais espaços culturais ligados à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha.



Estão indicados no mapa os seguintes locais de visita:

- 1) o Sítio Flores/São Joaquim, onde se realiza o tradicional corte do mastro;
- 2) a Igreja Matriz de Santo Antônio, epicentro das celebrações religiosas;
- 3) a Biblioteca Pública Municipal, guardiã da memória escrita e dos registros históricos da cidade;
- 4) a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, vinculada à devoção da comunidade negra barbalhense;
- 5) a Escola de Saberes, que promove ações de preservação dos saberes tradicionais e populares;
- 6) o Sítio Lagoa/Barro Vermelho, representando os grupos de reisado; e, por fim,
- 7) os locais relacionados às Ordens de Penitentes, expressão marcante da religiosidade popular.

A utilização do mapa fortalece ainda a noção de pertencimento ao território local, ampliando a valorização da identidade cultural barbalhense. Cada ponto marcado representa não apenas um espaço físico, mas também um símbolo da história viva do povo e da tradição de Barbalha, que se renova a cada celebração de Santo Antônio.

Loteiro de Visita

1. *Sítio Flores ou
São Joaquim*



1. Sítio Flores ou São Joaquim

a) Introdução à Visita

Ao chegar ao Sítio Flores, os visitantes são recebidos com uma breve introdução sobre a história e a importância cultural da região, especialmente em relação à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

Importante mencionar que a propriedade pertence a Benjamin Soares Sampaio e que o corte das árvores para a festa ocorre sob autorização da Secretaria de Meio Ambiente de Barbalha.

Os guias devem explicar que, embora o Sítio São Joaquim tenha sido tradicionalmente utilizado para o corte das árvores, desde 2003 o Sítio Flores também passou a ser considerado. Aqui, é possível discutir a relevância desses locais para a cultura local e a celebração de Santo Antônio, ressaltando a conexão entre a comunidade e o meio ambiente.

b) A Preparação para a Festa

Os visitantes são informados sobre o processo de seleção da árvore que se tornará o “pau de Santo Antônio”. A tradição de escolher o tronco adequado, que será carregado e hasteado durante a festa, é um momento de grande importância para a comunidade. O guia pode descrever como um grupo de dez a quinze homens entra na mata cerca de 15 dias antes da celebração para realizar essa escolha.

c) Análise das Árvores e Patrimônio Ambiental

É essencial destacar que as árvores do Sítio Flores são consideradas um patrimônio ambiental importante. A análise das árvores no Sítio São Joaquim é realizada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio),



enquanto a gestão do Sítio Flores é supervisionada pela Secretaria de Meio Ambiente de Barbalha. Essa supervisão é crucial para garantir a sustentabilidade e a conservação das espécies arbóreas na região.

d) O corte do pau

O ponto de partida do roteiro é a experiência do Corte do Pau da Bandeira, um dos momentos mais simbólicos da Festa de Santo Antônio em Barbalha. A tradição, carregada de devoção e identidade cultural, inicia-se ao amanhecer, com a cidade sendo acordada por fogos de artifício e carros de som que anunciam a festividade.

Ainda de madrugada, os carregadores - homens e mulheres de todas as idades e ocupações - se reúnem no Mercado Central, vestindo roupas leves e levando consigo instrumentos de fé e alegria. A oração coletiva e o discurso do capitão marcam a abertura oficial da jornada. Em seguida, em cortejo animado por músicas tradicionais e muita festa, todos seguem em direção ao Sítio Flores, local do corte da árvore



O corte do Pau da Bandeira. Autor Maurício Albano, 2010 - IPHAN.

No sítio, às margens da Serra do Araripe, ocorre o ritual de seleção da árvore — geralmente um jatobá — que será transformada no mastro. A escolha não é por facilidade: a árvore mais robusta e pesada é preferida, pois simboliza a força e a fé dos carregadores. Antes do corte, reza-se o Pai Nosso em volta da árvore, num gesto de pedido de proteção.

O capitão do pau é responsável por dar o primeiro golpe de machado, um momento de grande comoção. A queda da árvore é acompanhada por aplausos e gritos de "Viva Santo Antônio!", selando a primeira parte do ritual. A partir dali, inicia-se a preparação para o carregamento que ocorrerá posteriormente, culminando no hasteamento da bandeira na cidade.

e) A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e conexão com a comunidade

Durante a visita, os guias podem explicar a história e os significados da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Os visitantes devem aprender sobre as tradições, as crenças e as celebrações que cercam essa festividade, que atrai não apenas a população local, mas também visitantes de outras regiões.

Um dos pontos mais importantes a serem abordados é a relação entre o Sítio Flores e a comunidade de Barbalha. A escolha da árvore e a tradição do pau da bandeira são momentos que fortalecem os laços sociais e culturais entre os moradores. É interessante mencionar como essa prática ajuda a preservar a memória coletiva da cidade.

f) Considerações Finais e Encerramento

Para encerrar a visita, é fundamental promover uma reflexão sobre a importância da conservação ambiental e das práticas sustentáveis. Os visitantes são convidados a discutir como a tradição da Festa do Pau da Bandeira pode coexistir com a preservação das florestas e do meio ambiente, garantindo que as futuras gerações também possam participar dessas celebrações.

A visita termina com agradecimentos pela presença de todos e um convite para que explorem mais sobre a cultura local, as festividades e a rica biodiversidade da região. Os guias podem fornecer informações sobre como os visitantes podem se envolver nas atividades culturais e de preservação em Barbalha.



Loteiro de Visita

2. Igreja Matriz de
Santo Antônio

2. Igreja Matriz de Santo Antônio

a) Contextualização Histórica

A Igreja Matriz de Santo Antônio, também conhecida como Igreja Matriz de Barbalha, é um dos mais importantes pontos históricos e culturais da cidade. Sua construção, iniciada em 1785, reflete a devoção religiosa local e o desenvolvimento urbano de Barbalha. Durante o percurso, é relevante destacar que a fundação da capela ocorreu em 1760 e que, posteriormente, foi elevada à categoria de paróquia em 30 de agosto de 1838.

O primeiro pároco da Igreja de Santo Antônio foi o Padre Pedro José de Castro e Silva. Edificada na colina mais elevada às margens do riacho Salamanca, a igreja simbolizava poder, fé e a estruturação social da antiga Freguesia. No período de sua construção, o distrito ainda era pouco desenvolvido, e foi justamente nesse local que o capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, junto de sua esposa, Dona Maria Polucena de Abreu e Lima, definiu o centro da futura cidade (Rosendahl, 1996).

b) Visita à Igreja

Matriz de Santo Antônio, marco central da religião e da história barbalhense. A fachada, com traços neoclássicos misturados a influências coloniais, é o primeiro ponto de observação, evidenciando a imponência do templo que, desde o século XVIII, serve de referência espiritual para a cidade.

Dentro da Igreja Matriz, os visitantes vão conhecer o altar-mor, as imagens sacras e a simbologia que envolvem a figura de Santo Antônio. A relação entre a igreja e a festa do pau é profunda: em 1928, o padre Pedro Ribeiro idealizou a instalação de um mastro com a bandeira do santo à frente da igreja, simbolizando a fé que deveria ultrapassar os tetos das casas e ser vista por toda a cidade.

Ainda naquele ano, o primeiro corte foi realizado com madeira doada pela família do Dr. João Filgueira Teles, do Sítio São Joaquim. A tradição iniciada por ele foi consolidada e levada adiante pelo padre José Correia Lima, estruturando o que hoje é conhecido como a grande Festa de Santo Antônio de Barbalha.

O "Livro de Tombo" da paróquia registra desde 1947 o hasteamento da bandeira, mesmo que inicialmente de maneira discreta. Apenas nos anos 1970, as anotações passam a detalhar o cortejo e o envolvimento da população, com descrições das manifestações culturais, como a participação dos zabumbeiros e grupos folclóricos, consolidando a dimensão social da festa.

Durante a visita, será abordado como a Matriz não apenas abriga a celebração religiosa, mas também é o ponto de partida para a efervescência cultural que se estende por toda Barbalha nos dias de festa. A bênção do pau e o hasteamento da bandeira são realizados sob a proteção espiritual da igreja, conectando o sagrado e o popular de forma única.

O ponto de partida da visita será na entrada principal da Igreja Matriz. A fachada neoclássica, com detalhes arquitetônicos que mesclam elementos coloniais e influências posteriores, convida a uma observação detalhada dos ornamentos que adornam a entrada. Nesse momento, sugere-se apresentar a importância histórica e religiosa da edificação, que serviu como símbolo de poder e fé para a antiga freguesia.

c) Visitação ao Interior da Igreja: Altar Principal e Laterais

Ao adentrar a Igreja, os visitantes devem ser orientados a observar o piso original do período imperial, mantido em sua integridade. O altar-mor, dedicado a Santo Antônio, padroeiro da cidade, exibe uma imagem imponente do santo e outros ornamentos religiosos. Vale destacar que as imagens francesas e o estilo artístico do altar simbolizam a conexão entre a religiosidade local e o catolicismo europeu.

Aproveitar para explicar o simbolismo das imagens dos santos nas laterais do altar e como essas peças foram adquiridas ao longo dos anos por meio de doações de famílias locais e ações de preservação do patrimônio religioso.

DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio é um dos santos mais populares no Brasil. No Ceará, 11 municípios festejam Santo Antônio: Chaval, Caridade, Quixeramobim, Fortaleza, Itaitinga, Ocara, Antonina do Norte, Araripe, Barbalha, Jardim e Barro. Entre os dias 9 e 12 de junho, ocorrem quermesses. Na véspera do dia de Santo Antônio, 13 de junho, realiza-se o "mui animadíssimo Leilão de Santo Antônio", conforme descrito pelo Jornal Quixeramobim (1938). No dia dedicado ao santo, há uma "solene missa cantada", com a participação de todos os sacerdotes presentes em Quixeramobim. Após a missa matinal, celebra-se o dia 13 de junho, data da morte de Santo Antônio em 1231 (Quixeramobim, 1938).

Voce sabia?

Santo Antônio adquiriu diferentes títulos em diversos lugares, como Santo Antônio dos Caminhantes, dos Pobres, e até Santo Antônio do Buraco?

Santo Antônio, considerado por Ronaldo Vainfas (2003) como o mais português de todos os santos, também se tornou o mais brasileiro entre eles. Sua forte ligação com os lisboetas se deve ao fato de ele ter nascido em Lisboa, com o nome de batismo Fernando Martins de Bulhões. Em 1232, o Papa Gregório IX canonizou Santo Antônio em Espoleto, na Itália, apenas um ano após sua morte. Sua popularidade cresceu e se consolidou em Lisboa, onde é conhecido como Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua, por ter atuado na cidade italiana por um tempo (Santos, 2015).

Curiosamente, Santo Antônio adquiriu diferentes títulos em diversos lugares, como Santo Antônio dos Caminhantes, Santo Antônio dos Pobres, e no pé da serra da Aratanha, no Ceará, em uma localidade chamada Pitaguari, é conhecido como Santo Antônio do Buraco. O culto a Santo Antônio no Brasil se popularizou durante a colonização portuguesa. O catolicismo que se espalhou pelo Brasil colonial foi influenciado pela mentalidade religiosa da Europa do século XVI, que fomentou o culto a figuras exemplares pela sua dedicação à Igreja e à fé em Deus (Pau, 1987).

A popularidade de Santo Antônio no Brasil foi tão grande que, segundo Ronaldo Vainfas (2003), nenhum outro santo contribuiu tanto para a nomeação de freguesias, cidades e vilas:

Só em Minas, até o século XIX, foram 118 localidades dedicadas ao santo de Lisboa, seguido de São Sebastião, com 88, e Santana, bem abaixo, com 27 citações. No período colonial, entre 1585 e 1650, dos 15 conventos fundados no Brasil pelos franciscanos, oito foram dedicados a Santo Antônio, dos quatro no Nordeste. Quanto a capelas de engenho em Pernambuco, Santo Antônio patrocinou nove oragos, empatando com Nossa Senhora do Rosário, seguido de perto por São João. Seu prestígio em Pernambuco era particularmente grande, mas não foi pequeno em várias outras capitanias > (Vainfas, 2003, p. 31)

A insegurança, as dificuldades e os desafios da vida no Brasil colonial intensificaram a devoção a Santo Antônio, que era extremamente popular em Portugal e conhecido por seus inúmeros milagres e fervor na defesa do catolicismo. No contexto colonial, Santo Antônio foi visto como um protetor militar do território. Conforme Rafael Brondani dos Santos (2005, p. 2), a "intervenção antonina no Brasil" começou em 1595, em resposta às tentativas francesas de ocupar Salvador.

Santo Antônio também foi essencial nos conflitos militares, durante o período colonial, para manter as possessões territoriais portuguesas, sendo "condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei" (Vainfas, 2003, p. 2). Sua fama como "martelo dos hereges" no Brasil simbolizava a luta tanto contra os infiéis quanto pela preservação do território. Santo Antônio começou sua "carreira militar" na fortaleza da Barra da Bahia de Todos os Santos no final do século XVI e, ao longo do tempo, foi promovido a cargos mais elevados (Santos, 2005, p. 112).

Mas, a popularidade de Santo Antônio não se restringiu ao Brasil. A expansão colonial portuguesa na África também promoveu sua veneração, especialmente nas regiões ao redor dos rios Zaire e Cuanga. Marina de Mello e Souza (1998) observa que o projeto expansionista português, focado na incorporação de novas terras e na conversão das populações nativas, deixou marcas profundas na África Central, especificamente nas áreas habitadas pelos Bacongo, onde o catolicismo foi adaptado às crenças locais.

O culto a Santo Antônio no Brasil também se estendeu aos escravos e aos seus senhores. A devoção ao santo servia tanto para pedir ajuda divina na captura de escravos fugitivos quanto para proteger os escravos das expedições punitivas. Luiz Mott (1996) menciona o relato de Frei Antônio de Santa Maria do Jaboatão sobre um coronel que recorreu a Santo Antônio para recuperar seus escravos fugidos, obtendo sucesso após suplicar ao santo.

Vários colonos foram denunciados ou condenados pelo Tribunal da Inquisição de Lisboa por crimes que envolviam o uso do poder de Santo Antônio para recuperar escravos. Ronaldo Vainfas (2003) destaca que, no período colonial, havia uma grande intimidade entre Santo Antônio e seus devotos. A documentação inquisitorial revela essa proximidade, onde blasfêmias contra o santo eram severamente punidas, especialmente após o Concílio de Trento.

Santo Antônio também foi popular em regiões como Pacoval, no Pará, onde era considerado o "guardião dos quilombolas". Eurípedes Funes relata que:

Outra questão interessante acerca do culto a Santo Antônio no Brasil, refere-se à comunidade de Pacoval, situada no município de Alenquer, no Pará, na margem direita do rio Curuá. Eurípedes Funes, que fez pesquisas junto à citada comunidade, diz que a maior parte dos moradores de Pacoval, aproximadamente 120 famílias, seriam "remanescentes dos mocambeiros do Inferno, afluente do rio Curuá, destruído em 1876 pelo governo provincial mediante o emprego de medidas suasórias". O padroeiro dessa comunidade remanescente de quilombo é Santo Antônio. Eurípedes observa que Santo Antônio exerceu a função de "guardião dos quilombolas", devendo, portanto, alertá-los sempre que o perigo fosse iminente. "Em momento ele ficava de costa, era o sinal pro pessoal se arretirá"
(Funes, 1997, p.138)

Em resumo, a devoção a Santo Antônio no Brasil colonial permeou diversos aspectos da vida cotidiana, desde a defesa militar e territorial até a proteção de escravos e a resolução de problemas diários. Sua influência foi profunda e multifacetada, refletindo a complexidade da religiosidade no período colonial.

A Festa de Santo Antônio é uma marca distintiva de Barbalha, refletindo sua identidade e enchendo de orgulho seus moradores pela magnitude, visibilidade e simbolismo.

Entre o final de maio e início de junho, barbalhenses que moram fora retornam às suas raízes e turistas invadem as ruas da cidade, caracterizadas por casarões centenários (Cascudo, 1998).

O Dia do Pau, com o carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira, é o ápice do calendário de Barbalha, como sugere a música local: "Meu padroeiro, esperei o ano inteiro". Esta festa insere-se no ciclo das festas juninas, que dominam o Nordeste do Brasil em junho (Gamboso, 1994).

A celebração do padroeiro em Barbalha é profundamente influenciada pela cultura popular, dando um tom festivo e único à devoção. A reverência a Santo Antônio é acompanhada por cachaça, expressões sensuais em torno do Pau do Santo, e várias celebrações paralelas, demonstrando a irreverência e criatividade da religiosidade popular brasileira (Freyre, 2003).

Além disso, a devoção a Santo Antônio no Brasil remonta ao período colonial, com Fernando de Bulhões, nascido em Lisboa em 1195, tornando-se Antônio após ingressar na ordem franciscana. Ele ganhou fama em Pádua como pregador e taumaturgo, morrendo em 13 de junho de 1231 e sendo canonizado rapidamente. Sua popularidade em Portugal foi transferida para o Brasil Colônia, onde se tornou um dos santos mais venerados (Neves, 1988).

Luiz Mott (1996) destaca que o santo foi invocado até para encontrar escravos fugitivos, ganhando o apelido de "divino capitão-do-mato". Nas religiões afro-brasileiras, Santo Antônio é sincretizado com o orixá Ogum. A veneração também envolvia práticas como submeter a imagem do santo a torturas até que a graça desejada fosse concedida, demonstrando a intimidade dos fiéis com o santo.

A Festa de Santo Antônio de Barbalha é uma celebração complexa, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial. O inventário do Iphan (2015) documenta suas várias manifestações culturais, como corte e hasteamento do Pau da Bandeira, desfiles,

Voce sabia?

O Dia dos
Namorados foi
escolhido no dia 12
de junho devido às
brincadeiras
realizadas nesse dia
para homenagear
Santo Antônio



danças, ofícios tradicionais e locais históricos, revelando a riqueza cultural e histórica desta celebração caririense.

Atualmente, a devoção a Santo Antônio se manifesta de diversas formas, incluindo sua popularidade entre os militares e sua reputação de casamenteiro, santo das coisas perdidas e “pão dos pobres” (Pilonetto, 1995, p. 41-42).

Sua fama de "deparador" (aquele que encontra o perdido) fez com que Santo Antônio fosse invocado pelos senhores coloniais para localizar escravos fugidos, o que levou Luiz Mott a escrever um interessante artigo no qual o santo de Lisboa é retratado como um "divino capitão-do-mato". Por outro lado, a popularidade do santo foi igualmente vivenciada pelas pessoas de cor, escravas ou livres, uma vez que, nas religiões afro-brasileiras, Santo Antônio tornou-se o orixá guerreiro Ogum (Mott, 1996).

Sua reputação de casamenteiro fez com que, no dia 12 de junho, véspera do dia dedicado à sua memória, inúmeras brincadeiras, simpatias e magias fossem realizadas com o intuito de obter visões do futuro sobre o destino amoroso dos participantes. Relacionado a esse simbolismo, o dia 12 de junho foi escolhido como o Dia dos Namorados no Brasil. Em Barbalha, o poder casamenteiro de Santo Antônio leva as mulheres solteiras a tocar o Pau da Bandeira e a beber o chá feito de suas lascas. Misturando devoção com elementos de galhofa, os barbalhenses perpetuam a carreira matrimonial de Santo Antônio por meio das práticas em torno do Pau da Bandeira (Sinzing, 1922).

A identificação da população com seu orago é o elemento central que alicerça a Festa de Santo Antônio de Barbalha. O objetivo do inventário promovido pelo Iphan foi lançar luz sobre essa grandiosa celebração brasileira, um Patrimônio Cultural Imaterial composto por diversos bens culturais, transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pela comunidade barbalhense, engendrando um

sentimento de pertença e continuidade essencial para suas identidades e memória (Duarte, 1979).

Para representar com riqueza de detalhes essa festividade e a interação entre história, cultura e meio ambiente que a permeia, buscou-se, ao longo do inventário, visualizar suas principais celebrações (Corte do Pau da Bandeira, Benção da Bandeira, Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira, Desfile dos Grupos de Folguedos, Trezena de Santo Antônio, Procissão de Santo Antônio), formas de expressão (Bandas Cabaçais, Capoeira, Dança da Maresia, Dança de São Gonçalo, Dança do Capim da Lagoa, Dança do Coco, Dança do Maneiro Pau, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Lapinhas, Incelências, Penitentes, Quadrilhas, Reisado de Congo e Reisado de Couro), ofícios (Carregador da Bandeira, Carroça da Cachaça, Comida dos Carregadores, Confecção da Bandeira, Confecção das Máscaras do Reisado, Confecção dos Objetos Rituais dos Penitentes, Cortadores do Pau, Fabricação do Guincho, Ornamentação do Carro Andor e Fabricação das Tesouras), lugares (Barbalha, Bairro Bela Vista, Sítio Flores, Praça da Matriz, Rua da Matriz, Rua do Vidéo e Sítio São Joaquim) e edificações (Biblioteca Municipal, Casa de Câmara e Cadeia, Casarão Hotel, Centro de Hipertensão e Diabetes, Chalé das Freiras, Cineteatro, Igreja do Rosário, Igreja Matriz de Santo Antônio e Palacete dos Alencar), conforme menciona o Iphan (2013), em sua revista “Sentidos de Devoção: Festa e Carregamento em Barbalha”.

A Festa de Santo Antônio de Barbalha é, portanto, um caleidoscópio formado por uma infinidade de bens associados – cinquenta e um ao todo – revelando a riqueza cultural e histórica dessa celebração caririense, digna de ser registrada e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

d) Capela Lateral e Relíquias

Na capela lateral, os visitantes terão acesso a relíquias históricas, incluindo objetos litúrgicos e documentos antigos que relatam a trajetória da paróquia. É importante salientar que, com o crescimento do número de fiéis, a igreja passou por expansões e reformas, sendo a última grande reforma realizada em 2014.

No dia de abertura oficial da festa de Santo Antônio, os festejos do domingo do Pau da Bandeira, começam por volta das sete horas da manhã, quando os grupos artísticos do folclore e da cultura popular local se concentram e se organizam na Praça da Matriz para o cortejo. Moradores, turistas, pesquisadores, chegam cedo à Igreja Matriz de Santo Antônio para assegurar um lugar na celebração religiosa, que costuma ter um grande número de pessoas. A igreja recebe ornamentação especial para a comemoração da trezena de Santo Antônio, e a missa é diferenciada das demais, é mais longa, o ofertório recebe alimentos representando a produção agrícola da cidade, há a benção dos carregadores que logo seguem para a “cama do pau” com a finalidade de iniciar o carregamento (Santos, 2015) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades.

Ao final da celebração paralitúrgica, repentistas improvisam na igreja um cântico apresentando e convidando os membros dos grupos culturais do município, a se aproximarem do altar da Igreja Matriz para depositarem no chão, suas ofertas de produtos alimentícios e/ou artesanatos a Santo Antônio (Silva, 2011).

Às 11 horas da manhã de 2018, os grupos culturais começam a se enfileirar na Rua da Matriz procurando seguir a ordem hierárquica pré-estabelecida pelas secretarias de Cultura Turismo de Barbalha e de Educação. Em outras palavras, o desfile que segue uma escala decrescente em termos de reconhecimento de sua representatividade por parte do poder público municipal, principia

ao lado da Igreja Matriz, passando pela Rua do

Vidéo até largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, co-padroeira da Paróquia de santo Antônio de Barbalha, título proveniente do Decreto 2014/003 estabelecido pelo bispo diocesano do Crato, Dom Fernando Panico. (Silva, 2011).

e) Saída pela Rua da Matriz e Apreciação do Pau da Bandeira

O percurso segue até a Rua da Matriz, local onde se encontra hasteado o emblemático Pau da Bandeira, um dos maiores símbolos da tradição cultural de Barbalha. Nesse momento, é fundamental orientar os estudantes a refletirem sobre o significado histórico e simbólico dessa prática, que representa muito mais do que um simples ritual festivo — é um patrimônio cultural imaterial reconhecido oficialmente pelo Brasil e pelo estado do Ceará.

Deve-se explicar o processo que envolve a escolha da árvore, o corte cerimonial, o carregamento realizado pelos devotos e o hasteamento em frente à Igreja Matriz, destacando como essa tradição evoluiu ao longo do tempo. Ressalte-se também a dimensão coletiva do evento, que mobiliza a fé, a identidade local e o sentimento de pertencimento da comunidade, transformando a Festa do Pau da Bandeira em um dos momentos mais marcantes da cultura nordestina, capaz de atrair não apenas fiéis, mas também estudiosos, turistas e admiradores das tradições populares.

f) Contexto Urbano e Paisagístico

Finalizando a visita, destaca-se a evolução paisagística e arquitetônica do entorno da igreja, desde o início do século XIX até os dias atuais. A Rua da Matriz, que abriga casarões tombados como patrimônio histórico e o Casarão Hotel, é um testemunho vivo da transformação urbana e social de Barbalha.



Recomenda-se que os visitantes observem as construções ao redor e identifiquem as influências coloniais e neoclássicas, apreciando como a preservação desses espaços contribui para a manutenção da memória coletiva e identidade cultural da cidade.

É essencial explicar aos visitantes a importância da igreja para a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Desde sua fundação em louvor ao Santo Padroeiro, a igreja tem desempenhado um papel central na festa. Vale a pena refletir sobre o fato de que, quando as quermesses ocorriam mais distantes da igreja, na Praça da Estação, o público visitante não era tão expressivo.

Em contrapartida, após a realização das quermesses ao lado da Igreja Matriz de Santo Antônio, o número de visitantes, tanto de fora quanto da própria cidade, aumentou significativamente, lotando os espaços. É importante destacar que este modelo português de comemorações, centrado na igreja e seguido da missa, possui uma força especial.

g) Reflexão Cultural

Ao término do roteiro, sugere-se um momento para reflexão e debate sobre a importância de preservar e valorizar o patrimônio histórico e religioso da região, destacando o papel da Igreja Matriz de Santo Antônio como centro espiritual e cultural de Barbalha. Convidar os visitantes a refletirem sobre como a tradição e a modernidade coexistem na cidade e como a Festa do Pau da Bandeira é um exemplo significativo de resistência cultural e religiosidade popular.

h) Desfecho do roteiro

Realizar atividades com os alunos para que registrem suas impressões sobre a visita, incentivando desenhos, textos ou fotografias que expressem a experiência vivida.

Propor discussões sobre a relação entre patrimônio cultural e identidade local, explorando como a Igreja Matriz e a Festa de Santo Antônio contribuem para a construção da identidade barbalhense.



Obelisco na Praça da Matriz de Barbalha.
Autor: Egberto Araújo, 2016 - Flickr.

Roteiro de Visita

3. Biblioteca Municipal e União das Associações de Barbalha

3. Biblioteca Municipal e União das Associações de Barbalha

a) Contextualização histórica

O antigo Casarão Hotel, um dos mais tradicionais imóveis históricos de Barbalha, hoje abriga a sede da Biblioteca Municipal e da União das Associações de Barbalha (UNAB). Localizado em uma área estratégica do centro da cidade, o edifício passou por um processo de recuperação em 2022, com investimentos de R\$ 31.582,90 oriundos da própria Secretaria de Cultura. As obras envolveram a restauração da estrutura de cobertura, a recuperação de quatro salas, reparos em portas, pintura de pisos, tetos e paredes, além de retoques na fachada, preservando suas características arquitetônicas originais (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2022).

Com mais de 160 anos de história, o prédio é um marco importante do patrimônio cultural de Barbalha, representando não apenas a memória arquitetônica do município, mas também um espaço ativo de promoção da cultura e da educação. No passado, o Casarão Hotel também sediou eventos relevantes, como a 1ª Bienal de Artes do Cariri, e foi núcleo de atividades acadêmicas da Universidade Regional do Cariri (URCA) entre os anos de 2008 e 2010.

Atualmente, a Biblioteca Municipal instalada no casarão reúne acervos importantes sobre a história de Barbalha, incluindo materiais que abordam a Festa do Pau da Bandeira, seu contexto cultural, histórico e social. Dessa forma, o espaço torna-se essencial para pesquisadores, estudantes e interessados em conhecer a fundo as tradições e a memória local. A União das Associações de Barbalha (UNAB), também instalada no prédio, fortalece o papel do local como ponto de articulação comunitária, cultural e educativa.

b) A importância do Patrimônio Cultural

Conforme estudado anteriormente, o patrimônio cultural vai além da preservação de monumentos e objetos históricos, incluindo a educação patrimonial como um elemento essencial para o reconhecimento e valorização das expressões culturais de um povo. Ao integrar a educação patrimonial ao ensino, busca-se fortalecer a relação entre a comunidade e seus bens culturais, promovendo o conhecimento da história local e regional.

Nesse contexto, a valorização de festas populares, como a Festa de Santo Antônio em Barbalha, contribui para o desenvolvimento da cidadania cultural, estimulando o pertencimento, o respeito às tradições e a preservação da memória coletiva (Bueno; Urban, 2024). O patrimônio cultural também se torna um mediador entre memória e história, refletindo sobre o passado, interpretando o presente e projetando o futuro (Carvalho; Meneguello, 2020).

Autores como José Ítalo Bezerra Viana (2017) destacam que diferentes grupos sociais percebem e registram o patrimônio de maneiras diversas, reafirmando suas identidades e visões de mundo.

Voce sabia?

A preservação de patrimônios históricos como o Casarão Hotel fortalece a cultura local e o sentimento de pertencimento

A Educação Patrimonial tem se consolidado como um campo fundamental para promover o diálogo entre identidade, memória e participação social, especialmente em ambientes escolares e projetos de valorização cultural (Viana, 2017).

Dessa forma, ao concluir a visita, é importante destacar aos participantes a relevância de espaços como o antigo Casarão Hotel, que agora, ao sediar a Biblioteca Municipal e a UNAB, preserva e dinamiza a cultura de Barbalha. A conservação de edifícios históricos não se limita à manutenção física, mas também significa manter vivas as tradições, saberes e memórias que moldam a identidade da comunidade local.

c) Caminhada pela Rua da Matriz: integração cultural

Para encerrar o roteiro, será realizada uma caminhada pela Rua da Matriz, possibilitando aos participantes observar a integração entre o antigo Casarão Hotel, a Igreja Matriz de Santo Antônio e outros edifícios históricos vizinhos. Essa trajetória permitirá compreender como os espaços físicos e simbólicos da cidade dialogam entre si, reafirmando o valor do patrimônio material e imaterial na formação da cultura barbalhense.







Loteiro de Visita

4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário

4. Igreja de Nossa Senhora do Rosário

a) Contextualização Histórica

O roteiro começa com a contextualização histórica da Igreja Nossa Senhora do Rosário, que teve suas obras iniciadas em 1860. Os visitantes serão guiados por uma linha do tempo que narra a construção, interrupções, retomadas e inauguração do templo, ocorrida no dia 2 de fevereiro de 1921 (Neves, 1988).

A explicação abordará a importância da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, formada por escravos negros, que foi fundamental para o início das obras. É interessante destacar a dedicação e perseverança dos membros da Irmandade e das famílias locais que se mobilizaram para construir um templo que pudesse simbolizar a resistência e a fé da comunidade.

2. Fachada e Arquitetura Externa

Ao chegar na Igreja do Rosário, o grupo será conduzido para observar a arquitetura singular da fachada sul, considerada uma das mais belas do interior do Ceará.

Será explicado como a obra, embora simples, possui traços marcantes e elementos simbólicos, refletindo o esforço e a determinação de várias gerações de barbalhenses. A restauração realizada em 2011 será mencionada para que os visitantes compreendam as transformações arquitetônicas e os cuidados que foram dedicados ao longo dos anos para manter o patrimônio (Barbalha Esquecida, 2020).

3. Interior da Igreja: História e Arte Sacra

Dentro da igreja, os visitantes poderão contemplar o altar-mor entalhado à mão pelo mestre artesão Manoel Roque, uma obra-prima em madeira que agrega valor histórico e artístico ao templo. A imagem de Nossa Senhora do Rosário, trazida da França e doada pela senhora Cosma Porcina de Sá Barreto Sampaio, é um dos pontos centrais do roteiro, representando a devoção e a ligação da comunidade com o templo (Neves, 1988).



A guia também explicará o simbolismo da padroeira e como ela é reverenciada na região.

4. A Influência da Igreja do Rosário na Comunidade Negra de Barbalha

Será discutido o papel da Igreja do Rosário como ponto de congregação da comunidade negra de Barbalha, especialmente na época de sua construção. Será destacado como o templo inicialmente serviu aos escravos e seus descendentes, sendo um espaço de fortalecimento da fé e resistência cultural. A origem do nome "Igreja do Rosário dos Pretos" e sua evolução para o nome atual será abordada, trazendo uma reflexão sobre a memória e identidade do povo negro na cidade.

5. Significado Histórico e Cultural do Altar-Mor

Os visitantes serão conduzidos ao altar-mor para uma explicação detalhada sobre os elementos artísticos e religiosos esculpidos pelo mestre Manoel Roque. A importância desse espaço como centro espiritual e de devoção será enfatizada, destacando como as festividades religiosas ao longo dos anos moldaram a cultura e as tradições de Barbalha. O altar também será o local ideal para discutir o papel das doações e colaborações dos membros da comunidade para a finalização da obra.

6. Aspectos Arquitetônicos: A Restauração e as Transformações ao Longo do Tempo

Em seguida, será explorada a arquitetura interna e externa da igreja, evidenciando as transformações que a estrutura sofreu ao longo do tempo, com ênfase na restauração completa realizada em 2011. A guia irá mostrar fotos de antes e depois da restauração, proporcionando uma visão clara de como a conservação do patrimônio é essencial para preservar a história e a memória da comunidade.

8. Abertura para Reflexão e Discussão:

Importância da Preservação do Patrimônio

Os visitantes serão incentivados a refletir sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e histórico. A guia abrirá uma discussão sobre como a Igreja do Rosário representa não só um local de culto, mas também um símbolo de resistência cultural e memória coletiva para a cidade de Barbalha.

9. A Igreja no Contexto da Festa de Santo Antônio

Será feita uma ligação entre a Igreja do Rosário e a tradicional Festa de Santo Antônio, que é um dos principais eventos culturais e religiosos da cidade. A explicação incluirá como a igreja e a celebração se complementam, sendo pontos de referência para os fiéis e visitantes. O trajeto entre a Igreja do Rosário e a Igreja Matriz de Santo Antônio será destacado, evidenciando a interligação histórica e cultural entre esses dois marcos religiosos.

10. Desfecho do Roteiro

Ao final do percurso, os alunos serão conduzidos a uma breve caminhada pelo Centro Histórico de Barbalha, com o objetivo de observar e refletir sobre a importância dos espaços que compõem a história e a cultura local. Durante a caminhada, serão mencionadas construções relevantes como o Casarão Hotel, o Chalé da Filgueira e outras edificações que testemunharam o desenvolvimento urbano da cidade.

Loteiro de Visita

5. Escola dos Saberes

5. Escola dos Saberes

1. Contextualização histórica

A Escola de Saberes foi fundada em 25 de agosto de 2016 e ocupa o histórico prédio do antigo Palácio 03 de outubro, um sobrado construído em 1877 durante o governo de D. Pedro II. Essa construção, de grande valor arquitetônico e histórico, surgiu como uma resposta social à Grande Seca de 1877, oferecendo empregos para os retirantes em meio à crise regional.

Tombado pelo Conselho Estadual de Cultura do Ceará em 1995, o prédio é hoje um espaço dinâmico de educação cultural (Prosas, 2025).

A ESBA é mais do que um centro educacional: é um espaço de preservação viva das tradições populares. Funciona como uma "escola livre", promovendo a educação através dos saberes populares, técnicas artesanais, expressões artísticas e culturais — como o cinema, a literatura, a música, as danças dramáticas, os folguedos e as festas religiosas. Sua proposta é reunir, valorizar e difundir os saberes originários tanto do meio urbano quanto do rural, dialogando com a contemporaneidade e reforçando o sentimento de pertencimento cultural da comunidade (Prosas, 2025).

2. Arquitetura e Estilo

O Palácio 03 de Outubro é um exemplo notável de arquitetura clássica, refletindo elementos do período colonial. Ao se aproximar do edifício, observe a fachada histórica, que exibe a imponência da arquitetura do século XIX. Os detalhes ornamentais da entrada principal são dignos de registro; portanto, não esqueça de fotografar essas características marcantes.



Dentro do palácio, a “Escola de Saberes” ocupa o espaço educacional, mantendo as características do antigo palácio. Aproveite a oportunidade para visitar as salas internas e observar como os ambientes foram adaptados para atender às necessidades educacionais contemporâneas. Repare nos arcos, grades de ferro e janelas amplas que compõem a estética imponente e funcional da construção, proporcionando uma atmosfera rica em história.

No prédio, funcionam uma biblioteca, auditório, salas de leitura, de exposição, espaços para manifestações culturais, espaços de convivência e um largo destinado à realização de feiras de economia solidária e eventos culturais. Essa infraestrutura reforça a vocação da ESBA como ponto de convergência entre tradição, inovação, educação e cidadania (Ceará, 2025).

Além disso, explore o espaço ao redor do Palácio, que pode oferecer áreas para descanso e reflexão, permitindo uma conexão mais profunda com o local e sua história.

4. Encerramento: Reflexão e Valorização do Patrimônio

Ao visitar a Escola de Saberes, os estudantes terão a oportunidade de compreender como a história da Festa do Pau da Bandeira não se sustenta apenas na celebração anual, mas também na manutenção e transmissão dos saberes populares que a alimentam. A preservação da memória cultural é feita através dos ofícios, das técnicas de artesanato, das músicas tradicionais, das danças folclóricas e das narrativas orais que ainda hoje permeiam o cotidiano de Barbalha (Ceará, 2025).



Palácio 03 de Outubro. Autor: Marco Antônio Sá, data não especificada - WIX.

A experiência da visita proporcionará aos alunos uma percepção mais profunda sobre o conceito de patrimônio cultural imaterial, conforme proposto pela UNESCO e trabalhado pelo IPHAN. Poderão compreender que o patrimônio não está apenas nos prédios históricos, mas, sobretudo, nos saberes e práticas que garantem a continuidade de tradições como a Festa de Santo Antônio.

A ESBA também atua em rede com outras iniciativas culturais no estado do Ceará, consolidando um projeto de educação patrimonial que ultrapassa o espaço escolar convencional. Assim, os estudantes serão inseridos em um movimento que valoriza a memória coletiva e promove a inovação a partir da cultura popular, possibilitando uma formação cidadã crítica e transformadora (Ceará, 2025).

GRUPOS DA CULTURA : GUARDIÕES DAS TRADIÇÕES NA FESTA DO PAU DA BANDEIRA

O folclore brasileiro é um vasto e intrincado mosaico cultural que revela a complexidade e a riqueza da identidade nacional do país. Com suas raízes profundas nas tradições indígenas, africanas e europeias, o folclore brasileiro é um testemunho da diversidade cultural que caracteriza o Brasil.

Oswaldo Meira Trigueiro, importante estudioso que se dedicou ao folclore brasileiro, teve como foco particular o sertão nordestino. Em sua obra "O Sertão e o Folclore" (1975), Trigueiro explora como as tradições folclóricas no sertão são uma fusão das influências indígenas, africanas e europeias, moldadas pelas condições ambientais e sociais específicas da região. Seu trabalho oferece uma visão detalhada de como esses elementos culturais se entrelaçam para formar um folclore distintivo e profundamente enraizado na vida sertaneja (Trigueiro, 1975).

Um dos aspectos mais fascinantes do folclore brasileiro é a sua diversidade. O Brasil, com sua vasta extensão territorial e variedade de grupos étnicos, apresenta um rico panorama cultural que se reflete nas suas manifestações folclóricas. Desde lendas amazônicas até as práticas de candomblé na Bahia, o país oferece um exemplo notável de como tradições culturais podem evoluir e se diversificar ao longo do tempo (Abreu, 1994; Trigueiro, 1975)



Carregadores do Pau da Bandeira.
Autor Tiago Santana, 2006 - IPHAN.



"Kit Milagre", vendido durante a Festa de
Santo Antônio. Autor: Jeferson Yamaguchi, 2015 - IPHAN.



Integrantes dos Penitentes na Praça Matrix.
Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.



Penitentes no Desfile de Folguedos.
Autor: Jeferson Yamaguchi, 2010 - IPHAN.

As festas e celebrações desempenham um papel central no folclore brasileiro. Festas como o Carnaval, as festas juninas e as celebrações de Nossa Senhora Aparecida são não apenas momentos de celebração, mas também de expressão cultural profunda. Essas festas preservam tradições ancestrais e proporcionam uma oportunidade para a inovação cultural. A pesquisa de Abreu ilumina a importância dessas festividades na manutenção e renovação das tradições culturais (Cascudo, 1967; Abreu, 1994).

Além das figuras mitológicas, o folclore brasileiro é enriquecido por práticas e rituais. As rezas, benzeduras e práticas de cura são exemplos de como as crenças indígenas e africanas influenciam a vida cotidiana. Trigueiro explorou como essas práticas são integradas na vida das comunidades sertanejas, refletindo uma visão holística da interação entre o homem e o sobrenatural (Trigueiro, 1975).

De acordo com Simone Pereira da Silva (2021), José de Figueiredo Filho, que era representante do Instituto Cultural do Cariri e colaborador da Comissão Cearense de Folclore (fundada em 1948), foi o responsável pela inserção da região do Cariri no circuito nacional do movimento folclórico brasileiro. Em sintonia com a Comissão Nacional de Folclore (criada em 1947), ele passou a defender a cultura popular local como herança de valor histórico e social, composta por elementos diversos e preservados, dignos de serem celebrados e mantidos vivos.

Para Silva (2021), o “folclore” representava uma prova de ancestralidade regional e identidade própria. Com isso, passaram a utilizar o passado como ferramenta simbólica para interpretar o presente e justificar ações de preservação cultural. As práticas tradicionais eram tratadas como pontes com o passado, e os chamados “folguedos” passaram a ser revalorizados como símbolos da memória coletiva.

No cenário regional, essas expressões populares foram incorporadas aos festejos de cidades como Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, promovendo uma imagem de identidade tradicional renovada. Essa valorização, no entanto, respondia também ao interesse das elites locais em legitimar uma narrativa de pertencimento e controle simbólico sobre a cultura, agora voltada também para o turismo e o consumo cultural (Figueiredo Filho, 2000).

Segundo Hobsbawm (1998), um dos caminhos utilizados por sociedades tradicionalistas para legitimar inovações é recorrer ao passado. Inspirados por esse pensamento, os membros do Instituto Cultural do Cariri buscaram reanimar expressões culturais ameaçadas pelo esquecimento, atribuindo-lhes não apenas valor simbólico, mas também potencial de desenvolvimento econômico e social.

Apesar de defenderem a preservação da cultura popular, os folcloristas reconheciam o risco de sua descaracterização ao serem institucionalizadas ou apropriadas por interesses políticos e turísticos. Como destaca Vilhena (1997), havia uma tensão entre proteger os saberes tradicionais e permitir sua espontaneidade, evitando que essas expressões se tornassem peças decorativas de campanhas ou meros produtos de consumo turístico.

De acordo com Alexandre, Souza e Bezerra (2013), a folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, entre os anos de 1973 e 1977, reflete um processo de transformação cultural impulsionado pelo Poder Executivo da época. Essa fase foi marcada por intervenções governamentais que alteraram aspectos tradicionais da festividade, buscando consolidá-la como um evento de interesse turístico e patrimonial.

O governo municipal, nesse período, adotou medidas que visavam estruturar a festa dentro de um modelo mais organizado e institucionalizado. A partir de 1973, começaram a ser implementadas ações para regulamentar o cortejo do pau da bandeira, definindo normas para a sua condução e transporte pelas ruas da cidade. Esse controle tinha como objetivo evitar excessos e consolidar a imagem do evento como um patrimônio cultural seguro e atrativo (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013).

Um dos aspectos mais evidentes dessa folclorização foi a introdução de elementos simbólicos que reforçavam a identidade da festa como manifestação típica do Cariri. O Poder Executivo, na pessoa do Prefeito Fabriano Livônio Sampaio, incentivou a participação de grupos folclóricos locais, como os reisados e as quadrilhas juninas, inserindo apresentações culturais no calendário oficial da festividade (Barbalho, 1998). Dessa maneira, buscava-se fortalecer a relação da festa com a cultura nordestina, ao mesmo tempo em que se ampliava seu apelo turístico.

No âmbito da infraestrutura, a Prefeitura passou a investir na melhoria das vias públicas por onde o cortejo passava, bem como na organização do espaço destinado aos espectadores. A partir de 1974, foram criadas áreas específicas para a recepção de visitantes, além da instalação de barracas padronizadas para a comercialização de comidas e bebidas típicas. Esse processo evidenciava a intenção do Poder Executivo de transformar a festa em um evento economicamente sustentável (Oliveira, 1999).

O incentivo à presença de autoridades e figuras públicas na Festa do Pau da Bandeira também foi uma estratégia utilizada pelo governo municipal para dar maior visibilidade ao evento. Durante os anos de 1975 e 1976, houve um aumento significativo na participação de políticos locais e estaduais, que passaram a integrar os festejos e a utilizar a festividade como plataforma para divulgação de suas gestões (Barbalho, 1998).

A regulamentação da festividade passou a ser discutida mais amplamente em 1976, com a proposta de criação de um conselho gestor responsável por supervisionar a organização do evento. Esse conselho seria composto por representantes da administração municipal, membros da Igreja Católica e líderes comunitários, com o intuito de preservar a tradição ao mesmo tempo em que se buscava uma maior institucionalização da festa (Cardoso, 2013).

A influência do Poder Executivo na organização da festividade também se manifestou por meio da publicidade oficial. A partir de 1977, o governo municipal passou a divulgar amplamente a Festa do Pau da Bandeira em jornais e rádios locais, reforçando seu caráter como atração turística e patrimônio cultural de Barbalha. Esse esforço contribuiu para aumentar o fluxo de visitantes e consolidar a festa como um dos eventos mais importantes do calendário nordestino (Barbalho, 1998).

Outro impacto significativo da intervenção governamental foi a modificação na estrutura das apresentações artísticas. Antes mais espontâneas e voltadas para a participação popular, algumas performances passaram a ser ensaiadas previamente e organizadas com maior rigor, o que gerou debates sobre a autenticidade das manifestações culturais inseridas na festa.

Apesar dessas transformações, a relação entre a tradição e a modernização da festa não foi isenta de tensões. Alguns setores da comunidade expressaram preocupações com a descaracterização dos rituais tradicionais, temendo que o crescimento do evento em termos turísticos pudesse comprometer seu significado religioso e comunitário.

A Igreja Católica também desempenhou um papel central nesse processo, buscando garantir que as mudanças implementadas pelo Poder Executivo não afastassem a festividade de sua essência devocional. Em várias ocasiões, representantes do clero intervieram para assegurar que a Festa do Pau da Bandeira continuasse a ser uma celebração de fé, e não apenas um espetáculo para atrair turistas.

Além disso, a valorização dos grupos folclóricos e das manifestações culturais populares gerou um impacto positivo ao proporcionar maior reconhecimento e incentivo para artistas e músicos locais. Essa inclusão reforçou o papel da festa como um espaço de expressão da cultura caririense, mesmo diante das transformações promovidas pela gestão pública.

Em meio a esse contexto, é possível perceber que a festa passou a desempenhar uma função ainda mais ampla dentro da sociedade barbalhense. Além de sua relevância religiosa, ela se consolidou como um evento que mobiliza diferentes segmentos da população e atrai visitantes de diversas partes do país, contribuindo para a economia local.

Por fim, a folclorização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio nos anos de 1973 a 1977 demonstra como a gestão pública teve um papel determinante na configuração atual da festividade. As transformações implementadas nesse período foram fundamentais para a manutenção e expansão do evento, tornando-o um dos maiores símbolos culturais da região do Cariri.



Loteiro de Visita

6. Reisados
Sítio Lagoa/ Barro Vermelho

6. Reisados- Sítio Lagoa/ Barro Vermelho

Devido à sua longa trajetória histórica e à riqueza e diversidade de suas expressões em diferentes continentes, o Reisado pode ser reconhecido como um importante patrimônio da humanidade, integrando a vasta gama das culturas imateriais. Com raízes que remontam à Idade Média na Europa e no Oriente, o Reisado se difundiu também no continente americano, trazido pelos navegadores europeus. No decorrer do tempo, a prática foi absorvendo elementos variados e adaptando-se aos contextos locais, refletindo assim um intenso dinamismo multicultural. No Brasil, o Reisado assume múltiplas formas e denominações — como Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado de Congo, de Caretas, de Couro, de Caboclos, de Bailes, Boi, Rancho de Reis e Guerreiros —, estando presente em diversas regiões do país.

Essa manifestação popular é simultaneamente ritual, celebração dramática, dança comunitária, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro tradicional. Como rito, encena o mito do nascimento do Divino no imaginário cristão popular. Em sua forma de auto épico, desenrola-se em roda, envolvendo a comunidade de maneira ativa. Como cortejo, o Reisado integra múltiplas linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais, nos trajes e adereços) em uma mesma apresentação. Enquanto teatro tradicional, carrega a marca da construção coletiva, desenvolvida e transmitida ao longo de séculos.

Fundamentalmente, o Reisado configura-se como uma prática cênica itinerante, de caráter processional e ambulante, que narra, sem começo ou fim definidos, a busca simbólica por uma utopia — seja a representação do Divino Menino pelos Reis Magos ou, em uma leitura indígena, a "Terra Sem Males". Sua trajetória não segue um caminho fixo; pode alterar sua direção conforme as circunstâncias, os ventos ou as necessidades do grupo, o que o aproxima das narrativas das origens do mundo.

Durante o percurso, o Reisado realiza paradas semelhantes aos autos medievais, em que os brincantes encenam o que viveram até aquele momento, estabelecendo diálogo com o público que encontra pelo caminho. Nessas encenações, o passado é trazido ao presente, moldando as expectativas de futuro. Cada performance é um instante de transição, onde a tradição se reinventa e se atualiza. A vivência do Reisado é, portanto, uma experiência de movimento constante: um encontro entre passado, presente e a utopia que se busca realizar.

De acordo com Silva (2011), o Reisado é uma manifestação cultural rica em simbolismos, tradicionalmente encenada durante o período natalino, com destaque para o dia 6 de janeiro, quando se celebra o Dia de Reis, conforme o calendário litúrgico da Igreja Católica. As apresentações ocorrem, geralmente, diante de presépios e lapinhas, incorporando uma variedade de temas como religiosidade, amor, conflitos e narrativas populares.

Para a autora, essa expressão artística reúne uma diversidade de personagens e elementos cênicos que compõem um verdadeiro espetáculo popular. Entre eles estão o Rei, que porta uma espada e, em algumas versões, também um cetro; a Rainha, normalmente representada por uma criança com trajes festivos e coroa; e o Mestre, que conduz a apresentação com gestos e apitos, coordenando os cantos e os movimentos do grupo.



Reisado de Congo no desfile do grupo dos Folgedos.
Autor: Padre Paulo Gurgel, 1973.

Outros personagens igualmente importantes são o Mateu, figura cômica que utiliza o pandeiro e interage com o público; o Boi, que simboliza o embate entre a força animal e a vulnerabilidade humana; e a Burrinha, animal valorizado por seu papel na narrativa do nascimento de Jesus. Destaca-se ainda o Jaraguá, criatura de aparência fantástica que se movimenta de forma peculiar e brinca com a plateia, simulando mordidas em meio a saltos e passos curtos.

O conjunto de personagens e enredos do Reisado evidencia uma fusão entre o sagrado e o profano, entre o cristianismo e as tradições populares nordestinas. As apresentações não apenas recontam histórias, mas também evocam mitos e valores enraizados na cultura sertaneja. Predominante no estado do Ceará, o Reisado é, portanto, mais do que uma brincadeira folclórica: é um espaço de afirmação identitária, onde se celebram as memórias coletivas, os símbolos religiosos e a inventividade do povo. Ele reafirma, a cada ano, a força das tradições populares como patrimônio cultural imaterial vivo.

Em Barbalha, são três os tipos de reisados: de Congo, de Couro (ou Caretas) e de Bailes. De maneira geral, as três modalidades de Reisado podem ser descritas como cortejos de brincantes que encenam a peregrinação dos Reis Magos a Belém. Esses cortejos se desenvolvem por meio de uma sequência de cantos, danças e representações cênicas, incorporando obrigatoriamente o episódio da morte e ressurreição do Boi.

É importante destacar que cada tipo de Reisado se diferencia pela composição de suas figuras e personagens. Conforme apontado por Barroso, na região do Cariri predominam os Reisados de Congo, enquanto os Reisados de Couro (também conhecidos como Caretas) são mais raros, e apenas Barbalha preserva a tradição do singular Reisado de Bailes, considerado uma variação do Reisado de Couro.

No Reisado de Congo, a formação principal é a de uma pequena tropa de guerreiros nobres liderados por um Mestre, acompanhados de personagens cômicos como dois Mateus e uma Catirina. Já no Reisado de Bailes, a narrativa gira em torno de um Amo ou Mestre, retratado como um fazendeiro ou nobre rural, que organiza um grande baile para suas filhas e os pretendentes, formando o grupo de Damas e Galantes. Por sua vez, o Reisado de Couro ou Caretas representa o cotidiano de uma fazenda de gado, dramatizando o embate entre o Patrão (ou Capitão) e seus moradores mascarados, os Caretas. Neste contexto, o Velho e a Velha Careta cumprem o papel do par cômico que anima a festa.

1.1 Reisados de Congo

a) Apresentação e Contextualização

O primeiro roteiro será dedicado ao Reisado de Congo, expressão mais numerosa na região. Os alunos conhecerão a organização da corte de guerreiros liderados por um Mestre, acompanhados pelos cômicos Mateus e Catirina. Será explicado o enredo, que narra a ida dos Reis Magos ao encontro do Menino Jesus, e a simbologia do cortejo, que exalta a força, a fé e a resistência cultural.

b) Vivência e Interação

Os estudantes assistirão a um ensaio das tradicionais embaixadas – as batalhas de espada – e compreenderão a importância do treino e da disciplina nesse tipo de apresentação. Será destacado o significado do "Quilombo", momento de confronto simbólico entre dois grupos de Reisado.

c) Atividade Prática

Os alunos serão convidados a experimentar alguns movimentos básicos de dança e simular, de forma segura, as evoluções das espadas, além de participar das cantorias tradicionais acompanhadas por zabumbas e pífanos.



Ambas as fotos: Reisado de Congo na Festa de Santo Antônio. Autor: Padre Paulo Gurgel, 1973.

1.2 Reisados de Couro (ou Caretas)

a) Apresentação e Contextualização

O segundo roteiro será voltado para o Reisado de Couro, também chamado de Reisado de Caretas. Aqui, a narrativa gira em torno da organização social das antigas fazendas de gado, retratando o cotidiano dos vaqueiros e camponeses. Os alunos conhecerão personagens típicos como o Amo (fazendeiro), o Velho e a Velha Careta, e o núcleo dos Caretas mascarados.

b) Vivência e Interação

Durante a visita, os estudantes acompanharão a confecção artesanal das máscaras de couro e aprenderão sobre o significado cômico e satírico dos Caretas. Também será explorada a importância da morte e ressurreição do Boi, momento central do enredo.

c) Atividade Prática

Haverá oficinas de construção de máscaras utilizando técnicas tradicionais adaptadas para a prática pedagógica, além da participação em brincadeiras e músicas típicas dos Reisados de Couro.





Reisado de Couro no desfile do grupo dos Folguedos.
Autor: Padre Paulo Gurgel, 1973.

1.3 Reisados de Bailes

a) Apresentação e Contextualização

Neste tipo de Reisado, o enredo gira em torno do ambiente familiar rural, onde o Amo organiza bailes para apresentar suas filhas (Damas) aos pretendentes (Galantes). O grupo realiza diversas comédias e contradanças ao estilo das festas europeias adaptadas ao sertão.

b) Vivência e Interação

Os alunos assistirão a encenações como o Baile da Pantomina e o Baile do Pedido de Casamento, reconhecendo como as peças são inteiramente cantadas e improvisadas pelos brincantes.

c) Reflexão e encerramento

Após a apresentação, os estudantes serão convidados a participar de uma roda de contradanças guiadas pelos mestres e brincantes, aprendendo os passos simples das danças tradicionais.

1.4 Conclusão do roteiro dos Reisados

Em todos os roteiros, os estudantes aprenderão sobre o simbolismo das roupas, dos instrumentos e dos adereços utilizados nos Reisados. Serão abordadas influências africanas, indígenas e europeias na formação dos enredos e ritmos. Também será destacada a importância da literatura de cordel como fonte de inspiração para a construção das narrativas, especialmente no Reisado de Congo.

Ao final dos roteiros, será promovida uma roda de conversa entre os estudantes e os integrantes dos Reisados visitados. Nesse momento de reflexão, serão debatidos temas como a importância dos Reisados como Patrimônio Cultural Imaterial, os desafios para sua preservação frente às mudanças contemporâneas e a valorização da identidade cultural local. Os alunos serão incentivados a compartilhar suas experiências e a propor maneiras de manter viva essa rica tradição.



Procissão de Santo Antônio. Autor: Maurício Albano, 2010.

Loteiro de Visita

7. Ordens Penitentes

7. Ordens Penitentes

As Ordens Penitentes de Barbalha têm suas raízes no movimento das Santas Missões do século XIX, impulsionado pela atuação do Padre Ibiapina. Em meio à epidemia de Cólera Morbo, que devastou a região do Cariri, ele introduziu práticas penitenciais como forma de súplica pelo perdão dos pecados, vistos como causa da calamidade. Além dos grupos de penitência, o Padre Ibiapina fundou casas de caridade e cemitérios, preocupado com a higienização das áreas afetadas.

Originalmente, esses grupos religiosos, restritos a homens, reuniam-se à noite em locais isolados ou próximos a capelas para realizar práticas secretas, incluindo autoflagelação, entoação de benditos e orações que rememoram a Paixão de Cristo. Os membros só eram identificados publicamente após a morte.

A tradição das Irmandades dos Penitentes da Cruz começou a se espalhar pelo Cariri a partir de 1893, inicialmente em Juazeiro do Norte, onde o penitente Manuel Palmeira fundou a primeira ordem. Posteriormente, o movimento chegou ao Crato e, por fim, a Barbalha, concentrando-se especialmente nas zonas rurais, onde a população humilde via na religião sua única esperança diante das dificuldades socioeconômicas.



Imagem de Santo Antônio na igreja de Barbalha.
Autor: Jeferson Hamaguchi, 2015. IPHAN.

Em meados do século XIX, a Comissão Científica de Exploração, enviada pelo Império Brasileiro, registrou as práticas penitentes no Ceará. O médico Francisco Freire Alemão descreveu os rituais em seu diário, enquanto o desenhista José dos Reis Carvalho os retratou em aquarelas. A visão da comissão era negativa, associando a prática ao fanatismo e a um "falso misticismo".

Essa percepção persistiu no século XX. Em 1962, J. de Figueiredo Filho, em *O Folclore no Cariri*, afirmou com alívio que os penitentes estavam em declínio, restritos a cidades como Missão Velha, Brejo Santo e Jardim. Para ele, a prática era um obstáculo à "civilização" na região.

As irmandades são restritas a homens, com novos membros geralmente recrutados dentro de núcleos familiares. Quando um penitente morre, seu posto costuma ser ocupado por um parente. Para ingressar, o candidato deve ter sua conduta moral e religiosa avaliada pelo Decurião.

Ademais, os penitentes seguem um código de conduta rigoroso: abstêm-se de bebidas, jogos, danças e desordens. Qualquer violação pode resultar em advertência, suspensão ou expulsão. Muitos são analfabetos, mas decoram textos e cânticos religiosos para preservar a tradição herdada de seus pais.

Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, as interpretações sobre os penitentes mudaram. De símbolos do "atraso", passaram a ser vistos como representantes legítimos da cultura popular caririense. Sua participação na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha transformou parte de seus rituais em manifestações culturais públicas, embora mantenham um forte componente religioso.

1.1 Penitentes Irmãos da Cruz

a) Contextualização Histórica

O roteiro inicia com uma explanação sobre a origem dos Penitentes Irmãos da Cruz, situados no Sítio Cabeceiras. Serão explicados os princípios religiosos que norteiam o grupo: a prática da autoflagelação como forma de reviver o sofrimento de Cristo e buscar aproximação espiritual. Ressaltar-se-á a influência histórica do Padre Ibiapina, cuja passagem na região é atribuída à introdução dos objetos ritualísticos.

b) Visita ao Local

Os alunos visitarão um espaço simbólico, como o cemitério ou o cruzeiro, onde tradicionalmente ocorrem os rituais de penitência. Será apresentada a importância do segredo e do anonimato dos penitentes, além da relação entre dor e fé na cultura popular.

c) Elementos Simbólicos e vivência cultural

Durante a visita, serão mostrados instrumentos utilizados nos rituais: o cilin (cilício) e o cacho de disciplina. Explicar-se-á o significado de cada objeto e o sentido do sofrimento como forma de penitência.

Os alunos assistirão a uma apresentação de cantos de benditos, tradicionais nas atividades dos Penitentes, aproximando-os dos sons e da mística que envolvem as práticas.

d) Reflexão e Encerramento

Finalizar com uma roda de conversa sobre a importância da preservação da fé popular e sobre como essas práticas resistem às mudanças sociais e culturais.

1.2 Penitentes da Irmandade da Santa Cruz

a) Contextualização Histórica

A visita se inicia explicando o surgimento recente da Irmandade da Santa Cruz, formada entre 2013 e 2015, também no Sítio Lagoa. Destacar a continuidade dos preceitos deixados pelo Padre Ibiapina e a estrutura tradicional semelhante aos Penitentes Irmãos da Cruz.

b) Visita ao Local

Levar os estudantes a um cruzeiro próximo ou a um espaço reservado onde o grupo realiza seus ensaios. A importância do silêncio e do respeito durante as apresentações será destacada como parte do ritual.

c) Práticas e Simbolismos

Apresentar a tradição da Semana Santa, com as caminhadas penitenciais e a realização do terço. Mostrar a vestimenta típica: túnica branca com a cruz e o capuz, reafirmando o anonimato e a espiritualidade.

d) Atividade de Apreciação

Os alunos ouvirão relatos dos membros da irmandade sobre como se organizam para suas atividades internas e suas participações discretas nas celebrações religiosas de Barbalha.

e) Reflexão e Encerramento

Discussão sobre como as novas gerações podem manter vivas práticas religiosas tradicionais diante das mudanças culturais contemporâneas.

1.3 Penitentes das Santas Missões

a) Contextualização Histórica

Introdução à história dos Penitentes das Santas Missões, que atribuem sua fundação ao movimento missionário iniciado pelo Padre Ibiapina. Ressaltar a importância do legado espiritual mantido através dos séculos.

b) Visita ao Local

Levar os estudantes a conhecer a área onde o grupo realiza suas atividades de preparação e oração. Durante a visita, destacar a importância do Decurião como liderança do grupo e guardião da tradição.

c) Elementos e Rituais

Apresentar o repertório de benditos e orações utilizados nos rituais de velórios, terços e caminhadas religiosas. Explicar a diferença entre a prática de autoflagelação e a dimensão mais devocional dos cânticos dos Penitentes das Santas Missões.

d) Atividade Prática

Organizar uma oficina em que os alunos conheçam um dos benditos tradicionais, entendendo seu significado e sua função no contexto das práticas religiosas populares.

e) Reflexão e Encerramento

Roda de conversa sobre a importância da memória coletiva e da transmissão dos saberes imateriais, reforçando o papel dos Penitentes na construção da identidade cultural de Barbalha.

OUTRAS MANIFESTA ÇÕES DA CULTURA POPULAR EXISTENTES NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO





Dança de Capoeira em Barbalha.
Fonte: Grupo de Capoeira Cultura e Axé.

Voce sabia?
Na capoeira, o golpe cauda de arraia é uma adaptação que se conecta à cultura local barbalhense?

1. Capoeira

a) Contextualização Histórica

A capoeira é uma manifestação cultural multifacetada que combina elementos de dança, luta e jogo. Suas origens estão enraizadas no período da escravidão no Brasil, quando práticas corporais de escravos africanos se mesclaram com influências indígenas e europeias. Em Barbalha, a capoeira é uma expressão cultural vibrante, destacando-se especialmente o estilo regional, caracterizado por movimentos ágeis e acrobáticos, acompanhados pelo ritmo do berimbau e cânticos tradicionais. A roda de capoeira é tanto um espaço de combate simbólico quanto de celebração coletiva.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O roteiro inicia no Casarão Hotel, um prédio histórico utilizado eventualmente pelos grupos de capoeira para treinos e apresentações. Nesse local, os alunos terão a oportunidade de observar os preparativos dos capoeiristas, como a afinação dos instrumentos e os exercícios de aquecimento. Essa experiência introduz o contexto cultural e espacial em que a capoeira se insere na dinâmica urbana e histórica de Barbalha.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

Os grupos de capoeira de Barbalha, como "Filhos do Sol" e "Arte e Tradição", têm uma estrutura hierárquica baseada em cordas que simbolizam o nível de habilidade de seus integrantes. Durante a visita, os alunos aprenderão sobre a organização das rodas, o papel dos mestres e alunos, além de como os ensaios são realizados. A interação dos capoeiristas na roda, com golpes, cantos e improvisações, será explicada em detalhes, mostrando a complexidade da dinâmica do grupo.

d) Características Culturais e Simbólicas

A capoeira em Barbalha reflete elementos únicos de sua identidade local, incorporando movimentos inspirados no cotidiano rural, como o trabalho no campo, e na fauna regional. O "golpe cauda de arraia", por exemplo, é uma adaptação que se conecta à cultura local. Além disso, o simbolismo do berimbau, da ginga e dos cânticos será explorado, evidenciando a resistência cultural e a criatividade que definem a prática da capoeira.

e) Experiência Prática com os Estudantes

Os estudantes participarão de uma oficina prática conduzida por mestres locais. Eles aprenderão movimentos básicos da capoeira, experimentarão o ritmo do berimbau e serão integrados a uma roda simbólica. Essa experiência prática promove uma imersão direta na tradição, fortalecendo o entendimento de sua dimensão colaborativa e cultural.

f) Reflexão e Encerramento

O roteiro será finalizado com uma reflexão sobre a importância da capoeira como patrimônio cultural e sua relevância para a identidade de Barbalha. Os alunos serão convidados a discutir os desafios da preservação das tradições populares em um contexto contemporâneo e globalizado, bem como a importância de sua valorização como elemento de resistência e expressão cultural.



Grupo de capoeira na Festa de Santo Antônio.
Autor: Jeferson Hamaguchi, 2010. IPHAN.

2. Incelências

a) Contextualização Histórica

As Incelências são uma manifestação cultural popular que remonta ao período colonial, sendo uma das mais autênticas expressões de devoção e resistência da população de Barbalha. Seu surgimento está associado aos rituais de penitência e à prática de cantos religiosos, usados como uma forma de purificação espiritual. Inicialmente, as Incelências eram associadas a processos de fé e arrependimento, com os participantes se reunindo em grupos para rezar e cantar. Ao longo dos anos, a celebração passou a se integrar nas festividades da cidade, especialmente durante a Festa de Santo Antônio, tornando-se um dos momentos mais emblemáticos dessa tradição cultural.

A principal característica desse grupo é a sua ligação com a espiritualidade popular e com a tradição de transformação dos rituais religiosos em formas de expressão cultural. A sua permanência ao longo dos séculos está relacionada ao fortalecimento da identidade cultural de Barbalha, envolvendo a comunidade local e os visitantes em um espetáculo de fé, música e resistência cultural.

b) Início do Roteiro:

Visita ao Local de Ensaio ou Preparação
O roteiro começa com a visita ao local onde os integrantes do grupo de Incelências realizam seus ensaios e preparações. Este local pode ser uma casa de cultura, um salão comunitário ou um espaço dedicado à prática da música e dança tradicionais. Durante essa visita, os alunos terão a oportunidade de ver de perto o processo de organização do grupo, como a confecção dos trajes, a preparação dos instrumentos musicais (principalmente os tambores e chocalhos), e os ensaios dos cânticos e das coreografias. O orientador irá destacar a importância da preparação ritualística para a expressão da fé e para a continuidade dessa prática cultural, que é transmitida de geração em geração.



Incelências na Festa de Santo Antônio.
Autor: Jeferson Hamaguchi, 2010. IPHAN.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

O grupo de Incelências tem uma estrutura hierárquica que envolve líderes ou mestres que guiam as danças e os cânticos. A dinâmica do grupo é pautada pela forte conexão entre os participantes, com uma organização que mescla a dança e a música em um único espetáculo de devoção e cultura popular. Os membros do grupo se revezam entre as atividades de cantar, dançar e acompanhar a música com os instrumentos tradicionais.

A participação no grupo não se limita à performance artística; ela é também uma prática espiritual e social. Cada participante tem um papel específico dentro da dinâmica do grupo, que contribui para a criação de um ambiente de devoção coletiva e fortalecimento dos laços comunitários.

d) Características Culturais e Simbólicas

As Incelências são marcadas por elementos simbólicos que remetem à espiritualidade e à tradição popular. As vestimentas dos integrantes costumam ser simples, porém repletas de simbolismos, como o uso de lenços e mantos que representam a humildade e a penitência. Os instrumentos musicais, como os tambores, têm uma função ritualística importante, pois são responsáveis por marcar o ritmo dos cânticos e danças, além de estimular a união e a sincronicidade entre os participantes.

Os cânticos das Incelências são impregnados de significado religioso, abordando temas de arrependimento, purificação e devoção. Esses cânticos são parte integrante da manifestação, e são passados oralmente, mantendo-se preservados ao longo do tempo como patrimônio cultural imaterial. A dança, com seus movimentos compassados, complementa os cânticos, criando uma atmosfera única que envolve todos os presentes na festa.

e) Experiência Prática com os Estudantes

A experiência prática com os estudantes ocorre durante a visita ao ensaio ou apresentação do grupo de Incelências. Os alunos terão a oportunidade de observar os ensaios, a preparação dos instrumentos, e até mesmo participar de uma atividade prática, como a execução de cânticos ou de danças simples do grupo. A ideia é que os alunos vivenciem, ainda que de forma breve, a prática dessa manifestação cultural, entendendo a interação entre a música, a dança e a espiritualidade.

Durante essa experiência, o orientador incentivará os alunos a se envolverem de forma respeitosa com os membros do grupo, aprendendo sobre os aspectos técnicos e simbólicos da dança e dos cânticos. Será uma oportunidade para que os alunos experimentem o processo de criação de um espetáculo cultural e religioso, compreendendo a importância da preservação das tradições locais.

f) Reflexão e Encerramento

O encerramento do roteiro será dedicado à reflexão sobre a importância das Incelências na preservação do patrimônio cultural de Barbalha. O grupo de Incelências não é apenas uma manifestação religiosa, mas também uma forma de resistência cultural que perpetua tradições e fortalece os laços comunitários. Os alunos serão convidados a refletir sobre o papel da música, da dança e da devoção na construção da identidade cultural local e na preservação da história e das tradições de Barbalha.

A reflexão final deverá englobar a imortância de manter viva essa prática cultural, considerando as mudanças que ocorrem ao longo do tempo e os desafios que surgem para garantir a continuidade das tradições. A vivência das Incelências representa a fusão entre fé, cultura e comunidade, e a preservação dessa prática é fundamental para a manutenção do patrimônio imaterial de Barbalha.

3. Dança de São Gonçalo

a) Contextualização Histórica

A Dança de São Gonçalo é uma manifestação cultural tradicional que tem suas raízes na religiosidade popular e nas manifestações folclóricas do Nordeste brasileiro, especialmente no estado do Ceará. Esta dança, associada ao santo padroeiro São Gonçalo do Amarante, é uma das expressões mais emblemáticas da cultura de Barbalha. A festa em homenagem a São Gonçalo, celebrada anualmente, é marcada por sua dança envolvente e suas canções devocionais que celebram a fé e a cultura da região.

Historicamente, a Dança de São Gonçalo surgiu como uma forma de celebração religiosa e popular, unindo elementos da fé católica com as expressões culturais locais. O santo é considerado o protetor dos casamentos e da harmonia nas relações familiares, o que conferiu à dança um caráter de pedido de bênçãos para os casais e para a comunidade. Ao longo dos anos, a dança foi se consolidando como parte integrante das festividades religiosas de Barbalha e passou a ser apreciada também como um símbolo da identidade cultural local.



Decoração do Pau da Bandeira. Autora: Débora Sampaio
Site: [Instagram.com/festadesantoantoniodebarbalha](https://www.instagram.com/festadesantoantoniodebarbalha), 2025.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O ponto de partida do roteiro será a visita ao local onde o grupo de Dança de São Gonçalo realiza seus ensaios e preparações. Este local pode ser um espaço comunitário, centro cultural ou uma casa de cultura local onde os membros do grupo se reúnem. Durante a visita, o grupo de estudantes terá a oportunidade de observar a preparação dos trajes, a afinagem dos instrumentos musicais e a prática da dança.

É importante que o orientador destaque o significado do momento de ensaio como a fase de preparação para a manifestação cultural. A Dança de São Gonçalo exige coordenação, sintonia entre os dançarinos e domínio dos passos coreográficos, o que torna o ensaio uma parte fundamental do processo artístico e cultural.

3. Estrutura e Dinâmica do Grupo

O grupo de Dança de São Gonçalo é formado por dançarinos que interpretam a coreografia tradicional, com acompanhamento de músicos que tocam instrumentos típicos, como o triângulo, a sanfona e o pandeiro. A dança é realizada em forma de roda, e os movimentos dos dançarinos seguem uma cadência harmônica que simboliza a devoção a São Gonçalo. Durante a apresentação, os dançarinos formam uma roda, onde os passos de dança seguem um ritmo suave, com gestos que simbolizam orações e pedidos de bênçãos para a comunidade.

A dinâmica do grupo envolve o trabalho em conjunto, a coordenação dos movimentos e a harmonia entre os participantes. Cada membro do grupo tem um papel específico, seja na dança, seja na música, e a interação entre eles é essencial para a execução da performance. Durante os ensaios, o grupo trabalha no aperfeiçoamento dos passos e na sincronia entre os dançarinos e os músicos, para garantir a fluidez da apresentação.

d) Características Culturais e Simbólicas

A Dança de São Gonçalo é rica em simbolismos que remontam à religiosidade popular do interior do Brasil. O traje dos dançarinos é simples, mas carregado de significados, com elementos que remetem à cultura rural e à fé religiosa. As vestes dos dançarinos muitas vezes incluem roupas tradicionais, como camisas de linho, saias rodadas e chapéus, e o uso de fitas e flores que simbolizam a conexão com a natureza e com a espiritualidade.

Os movimentos da dança representam um pedido coletivo de bênçãos de São Gonçalo, com gestos que evocam a harmonia entre as pessoas, a prosperidade no campo e a paz nas relações familiares. Os músicos, com seus instrumentos típicos, acompanham a dança, criando uma atmosfera de celebração e devoção. A música e a dança estão intrinsecamente ligadas, e a participação no grupo é vista como uma forma de expressar a fé e a cultura local.

e) Experiência Prática com os Estudantes

Durante a visita e a experiência prática com o grupo de Dança de São Gonçalo, os alunos terão a oportunidade de observar e até participar de um ensaio. O orientador pode convidar os alunos a se juntar aos dançarinos para aprender os passos básicos da dança e vivenciar o ritmo da música. Esta é uma oportunidade para os estudantes entenderem, na prática, como a dança e a música estão interligadas, e como cada gesto e movimento carrega um significado profundo.

A experiência prática permitirá aos alunos perceber a importância da dança não apenas como uma forma de expressão artística, mas também como um meio de preservação da tradição cultural e religiosa da cidade de Barbalha. A vivência direta proporcionará aos alunos uma maior compreensão do que está por trás dos movimentos e da música da Dança de São Gonçalo, além de aproximá-los da comunidade local e da realidade cultural da cidade.

f) Reflexão e Encerramento

O encerramento do roteiro será dedicado à reflexão sobre a importância da Dança de São Gonçalo como uma manifestação cultural e religiosa que une a comunidade em torno de suas tradições. Os alunos serão convidados a discutir como essa manifestação cultural contribui para a preservação da identidade de Barbalha e como as gerações mais jovens podem se envolver para garantir a continuidade dessa prática.

A reflexão final será um momento para que os estudantes compreendam como a Dança de São Gonçalo integra diferentes aspectos da vida comunitária, como a religiosidade, a música, a dança e as tradições populares. A importância de preservar essas manifestações culturais para as futuras gerações será enfatizada, assim como o papel que os alunos podem desempenhar nesse processo de valorização e preservação do patrimônio imaterial de Barbalha.



4. Dança do Pau de Fitas

a) Contextualização Histórica

A Dança do Pau de Fitas é uma das manifestações culturais mais tradicionais e significativas de Barbalha, especialmente durante a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Essa dança remonta às celebrações populares, com forte influência das festividades religiosas, tendo se desenvolvido no Brasil a partir das práticas de origem portuguesa. Em sua essência, a Dança do Pau de Fitas simboliza a união comunitária e a devoção religiosa, misturando dança e elementos lúdicos com significados de boa sorte, prosperidade e fé.

A dança é executada em torno de um mastro ou "pau", no qual fitas coloridas são amarradas, e os dançarinos entrelaçam as fitas com seus movimentos, criando padrões de cores e formas. Esta manifestação está associada à Festa de Santo Antônio e é realizada por grupos durante a abertura da festividade, integrando elementos religiosos e populares.

Historicamente, a Dança do Pau de Fitas tem raízes nas celebrações religiosas europeias, mas se consolidou como uma prática genuinamente brasileira, principalmente no interior do Ceará, onde adquiriu características locais e se adaptou à cultura da região. Sua prática é um símbolo de resistência cultural e de preservação das tradições, transmitida de geração em geração, especialmente em Barbalha.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O ponto de partida do roteiro será a visita ao local onde o grupo da Dança do Pau de Fitas realiza seus ensaios. Esse local pode ser uma sala de cultura comunitária, uma associação local ou qualquer espaço destinado à prática cultural. Durante a visita, os estudantes poderão observar os preparativos para a dança, incluindo a organização das fitas e do mastro, bem

como os detalhes dos trajes utilizados pelos dançarinos. O grupo de dançarinos se prepara para a apresentação, coordenando os movimentos, a disposição das fitas no mastro e a sincronia entre os participantes. É importante destacar a energia coletiva do ensaio, que representa a união da comunidade em torno de uma expressão cultural comum. O ensaio oferece uma compreensão de como os ensaios são fundamentais para a realização da dança e o fortalecimento da identidade cultural local.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

A Dança do Pau de Fitas é realizada por um grupo de dançarinos que executam movimentos coreografados ao redor de um mastro fincado no chão, ao qual estão presas várias fitas coloridas. A dinâmica do grupo envolve a interação entre os dançarinos, que dançam em círculos, cada um segurando uma fita e movendo-se de forma coordenada, criando padrões de entrelaçamento.

O grupo é composto tanto por homens quanto por mulheres, que se revezam nos papéis de dançarinos e músicos. O ritmo é ditado por instrumentos como o triângulo, pandeiro e zabumba, que acompanham a dança, proporcionando uma fusão entre a música e o movimento. Os passos são simples, mas exigem sincronia, sendo a harmonia entre os dançarinos essencial para o sucesso da performance.

A interação entre os participantes é fundamental, pois a dança exige que todos sigam os mesmos movimentos e ritmo. Isso reflete a coesão social e cultural da comunidade, já que a prática é coletiva e não individualista. Além disso, a dança é acompanhada por um entusiasmo contagiante, que engaja a todos os envolvidos, tornando-a uma das manifestações culturais mais vibrantes.



d) Características Culturais e Simbólicas

A Dança do Pau de Fitas é rica em simbolismos. As fitas coloridas amarradas ao mastro representam diferentes significados, como prosperidade, boa sorte, fé e união. Cada fita pode simbolizar um pedido ou uma bênção específica, e a interação dos dançarinos com as fitas é uma forma de transmitir esses desejos para a comunidade.

Além das fitas, o mastro (o "pau") é um símbolo importante da dança. Ele representa o centro da festa e o elo que une os participantes, funcionando como um ponto de convergência para todos os movimentos e gestos. O mastro e as fitas não são apenas elementos decorativos, mas possuem um significado profundo ligado à espiritualidade e à tradição cultural local.

A dança também tem um caráter lúdico e festivo, e é uma forma de expressão da alegria e da celebração. Ao mesmo tempo, ela carrega a responsabilidade de preservar a história e a identidade cultural da cidade, funcionando como um meio de transmissão de valores de geração em geração.

e) Experiência Prática com os Estudantes

Durante o roteiro, os estudantes serão convidados a participar de um breve ensaio com o grupo de Dança do Pau de Fitas. Serão ensinados os passos básicos da dança, como a formação da roda, os movimentos de entrelaçamento das fitas e o ritmo da música. A participação prática permitirá aos alunos experimentar, de forma direta, como a dança é realizada e o que ela representa para a comunidade.

A experiência prática será uma oportunidade para os alunos compreenderem, na prática, como os elementos da dança se conectam à identidade cultural de Barbalha e à Festa de Santo Antônio. A atividade também permitirá que os estudantes percebam a importância de preservar e transmitir essa prática cultural, assim como o impacto

positivo que ela tem na coesão social e comunitária.

f) Reflexão e Encerramento

No encerramento do roteiro, os estudantes serão convidados a refletir sobre a Dança do Pau de Fitas e sua importância para a preservação da cultura de Barbalha. A reflexão será uma oportunidade para discutir como a dança não apenas resgata e preserva tradições antigas, mas também como ela ajuda a fortalecer a identidade cultural da cidade.

Será importante destacar o papel da dança no fortalecimento dos laços comunitários, na transmissão de saberes e na celebração da religiosidade popular. Os estudantes também serão incentivados a refletir sobre como eles, como jovens, podem contribuir para a continuidade e revitalização das tradições culturais de sua cidade, assegurando que manifestações como a Dança do Pau de Fitas continuem a prosperar para as futuras gerações.

A reflexão final também incluirá um debate sobre a importância da preservação do patrimônio cultural imaterial e o papel da comunidade na salvaguarda das suas tradições.

5. Maneiro Pau

a) Contextualização Histórica

O Maneiro Pau é uma das manifestações culturais mais autênticas e significativas da cidade de Barbalha, tradicionalmente inserida nas festividades em honra a Santo Antônio, especialmente durante a Festa do Pau da Bandeira.

A origem dessa dança remonta às influências das tradições populares nordestinas, onde os movimentos de dança e a utilização do "pau" ou mastro estão entrelaçados com o simbolismo da festa, representando a força comunitária e a devoção religiosa.

No contexto de Barbalha, o Maneiro Pau não é apenas uma dança, mas uma verdadeira expressão de resistência cultural, onde as gerações anteriores transmitiram seus saberes aos mais jovens, perpetuando essa prática ao longo dos anos. A dança é realizada ao redor do mastro, tradicionalmente usado na celebração do Pau da Bandeira, e envolve passos coreografados que refletem a união do povo, sua espiritualidade e sua relação com o sagrado.

A prática do Maneiro Pau está intimamente ligada ao contexto da Festa de Santo Antônio, e, ao longo do tempo, tornou-se uma manifestação que une religião e cultura popular, sendo preservada por grupos locais como uma maneira de manter vivas as tradições de Barbalha.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O início do roteiro será no local de ensaio do grupo de Maneiro Pau. Esse local pode ser uma sede comunitária, um centro cultural ou um espaço utilizado para as práticas da dança. Durante a visita, os alunos terão a oportunidade de observar os preparativos do grupo, como a organização do mastro e a disposição dos dançarinos.



Grupo de Maneiro Pau. Autor desconhecido.

A visita aos locais de ensaio permite aos estudantes entender a importância dos ensaios para a execução correta da dança. Além disso, os alunos podem perceber a organização coletiva do grupo, onde todos colaboram para que a apresentação seja um sucesso. O ensaio é o momento de ensinar, corrigir e aprimorar os movimentos, e será explicado aos alunos como os integrantes do grupo mantêm a tradição e preparam suas apresentações durante a festa.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

A estrutura do grupo de Maneiro Pau é composta por dançarinos, músicos e organizadores. Os dançarinos formam uma roda em torno do mastro e seguem os movimentos coreografados, que envolvem girar ao redor do "pau" e entrelaçar as fitas presas a ele. A dança é realizada ao som de instrumentos tradicionais como zabumba, triângulo e pandeiro, que marcam o ritmo e a energia da celebração.

A dinâmica do grupo é baseada na interação entre os participantes, sendo crucial a sincronia dos passos e a coordenação entre os membros do grupo. Cada dançarino possui um papel específico na execução da dança, seja segurando a fita, seja realizando os movimentos em conjunto com os outros membros. O grupo funciona de forma colaborativa, e todos têm um papel fundamental na execução da dança, que representa a união e a identidade da comunidade.

d) Características Culturais e Simbólicas

O Maneiro Pau carrega consigo uma série de simbolismos que são passados de geração em geração. O mastro, ou "pau", é o principal símbolo da dança, representando a união da comunidade e a força coletiva. As fitas amarradas ao mastro têm um caráter simbólico, representando desejos de prosperidade, fé e continuidade da tradição.

A dança também simboliza a devoção a Santo Antônio, com a movimentação dos dançarinos refletindo o movimento de oração e a expressão de fé. O uso do mastro é um símbolo importante, ligando a terra ao céu, e remetendo à crença de que, por meio da força coletiva, os problemas podem ser superados e a comunidade pode alcançar suas aspirações espirituais e sociais.

Além disso, a música desempenha um papel central, pois dita o ritmo da dança e envolve os participantes em um estado de celebração e comunhão. Os instrumentos típicos de percussão e cordas são utilizados para criar um ambiente festivo e de devoção, permitindo que todos os participantes se envolvam tanto física quanto espiritualmente na celebração.

e) Experiência Prática com os Estudantes

A experiência prática permitirá que os alunos participem de um breve ensaio ou demonstração da Dança do Maneiro Pau. Eles serão orientados sobre os passos básicos, a postura e os movimentos de entrelaçamento das fitas, aprendendo a se integrar ao grupo e a respeitar o ritmo da dança.



Além disso, os estudantes terão a oportunidade de compreender, na prática, o simbolismo da dança, observando como cada movimento e cada passo se conecta ao contexto cultural e religioso da cidade. Durante a experiência prática, eles poderão realizar a dança em conjunto com os membros do grupo, vivenciando a dinâmica coletiva e entendendo o impacto dessa prática na coesão social da comunidade.

f) Reflexão e Encerramento

No encerramento do roteiro, os estudantes serão convidados a refletir sobre o significado da Dança do Maneiro Pau e sua importância para a preservação da cultura local de Barbalha. O debate será uma oportunidade para discutir como a dança não só resgata e preserva as tradições, mas também fortalece os laços comunitários e contribui para a continuidade da identidade cultural da cidade.

A reflexão também incluirá uma discussão sobre a relevância da preservação do patrimônio cultural imaterial, com foco na continuidade das danças tradicionais e na importância de envolver as novas gerações na transmissão desses saberes. A experiência prática e a reflexão final serão momentos importantes para que os alunos compreendam como as tradições culturais se mantêm vivas e são adaptadas para os desafios contemporâneos, reforçando o compromisso de cada um com a preservação da cultura e identidade local.

6. Lapinha

a) Contextualização Histórica

A Lapinha é uma manifestação cultural tradicionalmente vinculada à celebração de Natal e às festividades religiosas, mas também está presente nas comemorações de festas populares, como a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. Originalmente, a Lapinha é uma encenação popular que representa o nascimento de Jesus Cristo, com ênfase nas cenas da vida cotidiana da época, misturando elementos da cultura religiosa com as práticas populares. A dança e as músicas de Lapinha são fortemente ligadas ao simbolismo cristão, refletindo a devoção, a simplicidade e a vivência da religiosidade popular.

Em Barbalha, essa tradição é mantida viva por grupos que preservam o formato original da dança, com variações regionais que envolvem a dramatização das figuras e a execução de músicas típicas, marcadas por um ritmo alegre e vibrante. O grupo Lapinha é uma das expressões culturais que compõem a diversidade da Festa do Pau da Bandeira e representa a resistência e a preservação da tradição local.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O ponto inicial do roteiro será no local de ensaio do grupo Lapinha, que pode ser um centro cultural, uma praça ou outro espaço comunitário. Durante a visita, os estudantes poderão observar como o grupo se prepara para as apresentações. O ensaio inclui a revisão dos passos de dança, a coordenação de movimentos e a escolha das músicas que serão tocadas, as quais frequentemente são típicas da festa.

É importante destacar que, nos ensaios, o grupo também se prepara para a encenação das cenas de Natal, com a utilização de figurinos, adereços e

acessórios que ajudam a recriar o ambiente da época. Os alunos terão a oportunidade de entender a importância dos ensaios na preservação da

performance e como os membros do grupo, tanto dançarinos quanto músicos, colaboram para manter viva essa tradição.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

O grupo Lapinha é formado por dançarinos e músicos, com cada membro desempenhando um papel específico na execução da dança. Os dançarinos são responsáveis pelos movimentos coreografados, que imitam a dança das figuras que representam o nascimento de Jesus, enquanto os músicos tocam instrumentos tradicionais, como pandeiros, violas, zabumbas, e outros instrumentos de percussão e corda.

A dinâmica do grupo é pautada na interação entre os dançarinos e músicos, sendo que todos seguem um ritmo conjunto e têm uma função clara na execução da performance. A música, especialmente as canções de natal e folclóricas, orienta o movimento dos dançarinos e contribui para o clima de celebração. A liderança do mestre de dança é fundamental, pois ele organiza os ensaios e ajuda a manter a unidade do grupo durante as apresentações.

d) Características Culturais e Simbólicas

A Lapinha é uma dança que está profundamente enraizada nas tradições religiosas e culturais locais. Como uma manifestação de devoção popular, ela simboliza a celebração do nascimento de Jesus e a vivência da fé cristã. As cenas encenadas durante as apresentações de Lapinha muitas vezes incluem a visita dos pastores ao menino Jesus, a presença dos anjos e a representação de elementos da cultura nordestina, como a simplicidade do campo e a união entre as pessoas.

O figurino da dança de Lapinha tem um caráter simbólico e está associado à representação de personagens religiosos, como pastores, reis magos, e figuras bíblicas, todos com roupas típicas que remetem ao imaginário popular. Os instrumentos utilizados, assim como as músicas e cantigas, também têm um simbolismo importante, pois são típicos das manifestações folclóricas e religiosas da região, combinando tradição e religiosidade em um único ato de celebração.

e) Experiência Prática com os Estudantes

Na experiência prática, os alunos serão convidados a participar de um pequeno ensaio ou apresentação de Lapinha, com foco nas danças e nas músicas que compõem a celebração. A proposta é que os alunos conheçam os passos básicos da dança, como se posicionar dentro do grupo e como integrar-se ao ritmo da música. Além disso, os estudantes poderão compreender o significado de cada gesto e movimento, observando como a performance não é apenas uma dança, mas também uma representação de uma história e de um contexto cultural.

Os alunos também terão a chance de interagir com os membros do grupo, aprendendo sobre os elementos simbólicos presentes na dança e como cada detalhe, desde a música até os figurinos, carrega um significado profundo dentro da tradição local.

f) Reflexão e Encerramento

Ao final da experiência, será proposto um momento de reflexão com os estudantes sobre o significado da Lapinha e seu papel nas celebrações religiosas e culturais de Barbalha. O grupo Lapinha é um exemplo de como a tradição popular e a fé cristã se encontram, criando uma rica expressão cultural que une gerações e preserva a história da cidade.

A reflexão também abordará a importância da preservação de manifestações culturais como essa, que representam a identidade local e contribuem para a manutenção das tradições vivas. Os estudantes serão convidados a pensar sobre a importância da participação em atividades culturais, o valor da preservação do patrimônio imaterial e como as tradições podem ser passadas de geração em geração.



Festa do Pau da Bandeira. Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.

Voce sabia?

Nas coreografias de festas juninas há o ritual "encontro e despedida" entre os pares de dançarinos, que simbolizam a celebração do amor e a alegria popular



Quadrilha Junina em Barbalha. Autor desconhecido.



Componentes de Quadrilha Juninas em rua de Barbalha. Autor: Padre Paulo Gurgel, 1962 - IPHAN.

7. Quadrilhas Juninas

a) Contextualização Histórica

As Quadrilhas Juninas são uma das manifestações culturais mais populares e tradicionais do Nordeste brasileiro, e em Barbalha, não são diferentes. Originárias das festas de São João, elas remontam aos tempos coloniais, quando as danças típicas da época começaram a ser influenciadas por elementos de culturas europeias e africanas. No Brasil, essas danças foram se consolidando como uma das principais expressões da cultura nordestina, principalmente nas festas de São João, celebradas durante o mês de junho.

Em Barbalha, a Quadrilha Junina é uma das atrações mais esperadas da Festa de Santo Antônio, com grupos locais participando ativamente das festividades. Ao longo dos anos, a Quadrilha Junina foi se diversificando e se adequando à realidade local, incorporando elementos da cultura de Barbalha, como danças, músicas, vestuário e práticas que refletem a identidade da comunidade. Hoje, as Quadrilhas Juninas representam muito mais que apenas um entretenimento, sendo um espaço de expressão cultural e identidade para os moradores de Barbalha e da região do Cariri.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

A visita começa no local de ensaio da Quadrilha Junina. Geralmente, os ensaios acontecem em espaços comunitários, praças ou até mesmo na casa dos próprios integrantes, onde se preparam para as apresentações. Durante a visita, os estudantes terão a oportunidade de observar como os dançarinos se preparam para a grande apresentação, aprendendo os passos coreografados e entendendo o trabalho de coordenação entre os membros do grupo.

Além disso, os estudantes poderão se familiarizar com o figurino, que é um elemento fundamental para a expressão da quadrilha. O vestuário geralmente é inspirado nas roupas típicas das festas juninas, com detalhes que remetem à cultura popular e ao folclore da região. O figurino, as coreografias e as músicas fazem parte da construção da identidade da quadrilha, e os alunos podem aprender sobre o processo de criação e escolha desses elementos.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

O grupo de Quadrilhas Juninas é composto por dançarinos, músicos e organizadores, que trabalham em conjunto para garantir que a apresentação seja uma verdadeira celebração da cultura popular. Durante o ensaio, os alunos poderão observar como as danças são divididas, com cada integrante desempenhando um papel específico, seja como dançarino principal, parceiro de dança ou parte do elenco de apoio.

A dinâmica do grupo é fundamental para a harmonia da apresentação, e a interação entre os dançarinos é o que cria a energia do espetáculo. A música, tocada ao vivo ou gravada, dita o ritmo das danças, enquanto os figurinos e adereços dão vida à performance, com ênfase na descontração, alegria e interação com o público. A quadrilha é um evento coletivo, e é essencial que cada membro trabalhe em conjunto para que a apresentação seja bem-sucedida.

d) Características Culturais e Simbólicas

As Quadrilhas Juninas são uma expressão rica da cultura nordestina, com forte ligação às tradições populares, como as festas de São João. Os passos de dança e as músicas caracterizam o clima festivo, com muitas coreografias feitas ao som de músicas típicas, como o forró, xaxado e baião, que são dançadas de maneira alegre e envolvente.

O figurino de uma quadrilha geralmente inclui vestidos de caipira, chapéus de palha, saias rodadas, camisas xadrez, lenços e botas, criando um visual característico da cultura rural nordestina. Além disso, a quadrilha está repleta de simbolismos, representando a união, o trabalho coletivo, o namoro e a festividade do mês de junho. Durante as apresentações, há o ritual de "encontro e despedida" entre os pares de dançarinos, que simbolizam a celebração do amor e a alegria popular.

e) Experiência Prática com os Estudantes

Na etapa prática do roteiro, os estudantes serão convidados a participar de um ensaio da Quadrilha Junina. Eles poderão aprender os passos básicos da dança e entender a importância de se movimentar de acordo com a música e o ritmo coletivo. A experiência prática permite que os alunos se sintam parte da dinâmica do grupo, experimentando a energia da dança e a interação com os outros participantes.

Além disso, os alunos serão incentivados a refletir sobre os elementos simbólicos e culturais presentes na quadrilha, como os figurinos, as músicas e os passos de dança. O objetivo é proporcionar uma vivência autêntica, onde os alunos possam absorver o significado cultural e social da quadrilha, sentindo-se como parte da tradição que mantém viva a cultura popular.

f) Reflexão e Encerramento

Ao final da atividade prática, será proposta uma reflexão sobre a importância da Quadrilha Junina para a cultura de Barbalha e para a preservação das tradições populares nordestinas. Os estudantes serão convidados a compartilhar suas experiências durante o ensaio e a refletir sobre o significado da quadrilha como uma forma de expressão cultural e identidade da cidade.

A reflexão também abordará o papel das festas e das manifestações culturais na criação de laços comunitários e na valorização das tradições locais. Como a quadrilha contribui para o fortalecimento da identidade cultural de Barbalha e como ela continua a evoluir, ao mesmo tempo em que preserva as raízes históricas e culturais do Nordeste.

8. Bandas Cabaçais

a) Contextualização Histórica

As Bandas Cabaçais são uma das manifestações culturais mais tradicionais e emblemáticas do município de Barbalha, no Ceará. Originárias do período colonial, essas bandas possuem uma forte influência da cultura africana e europeia, refletindo a mistura de sons, ritmos e danças que marcam a cultura popular nordestina. As Bandas Cabaçais têm raízes nas festas religiosas e populares, especialmente na Festa de Santo Antônio, e são um dos elementos centrais das celebrações em Barbalha.

Historicamente, as Bandas Cabaçais foram formadas por músicos locais que tocavam instrumentos feitos a partir de cabaças – o que dá o nome à manifestação – e outros materiais artesanais, como tambores e pratos. Ao longo do tempo, a banda foi se consolidando como uma das formas mais autênticas de expressão musical e cultural da região, sendo preservada e passada de geração em geração.

A importância das Bandas Cabaçais não se limita apenas à sua musicalidade, mas também à função social e comunitária que desempenham. Elas são essenciais para a manutenção de tradições e servem como ponto de encontro para a comunidade, fortalecendo o vínculo entre os moradores e garantindo que a história de Barbalha continue sendo celebrada.

b) Início do Roteiro: Visita ao Local de Ensaio ou Preparação

O ponto de partida do roteiro será uma visita ao local onde as Bandas Cabaçais ensaiam ou se preparam para as apresentações. Esse local pode ser uma praça, uma sala comunitária ou um espaço ao ar livre, onde os músicos e participantes se reúnem para ensaiar. Durante essa visita, os estudantes terão a oportunidade de observar como a música é criada e ensaiada, participando do processo de preparação para a performance.





A visita ao local também permitirá que os estudantes conheçam os instrumentos tradicionais utilizados na Banda Cabaçal, como as cabaças, tambores e outros materiais típicos da manifestação.

c) Estrutura e Dinâmica do Grupo

A Banda Cabaçal é composta por diversos músicos, cada um responsável por tocar um instrumento específico, que pode variar dependendo da formação local, mas normalmente inclui instrumentos de percussão e de sopro. A banda é organizada em torno de uma dinâmica de grupo, onde a harmonia entre os músicos é essencial para a criação do ritmo e da melodia.

A dinâmica do grupo é caracterizada pela colaboração mútua, onde cada integrante desempenha um papel fundamental para que a música seja executada com sucesso. Além dos músicos, muitas vezes, dançarinos e cantores também participam das apresentações, criando um espetáculo multidisciplinar que envolve som, movimento e expressão cultural.

d) Características Culturais e Simbólicas

As Bandas Cabaçais têm uma profunda ligação com a cultura popular e religiosa de Barbalha. Seus ritmos, como o xote, baião e forró, são típicos da região e refletem a herança africana, indígena e europeia da cidade. Os instrumentos, como as cabaças, são feitos à mão e simbolizam a adaptação criativa dos músicos locais aos materiais disponíveis.

Além da musicalidade, as Bandas Cabaçais possuem uma forte carga simbólica relacionada às festividades religiosas e culturais, como a Festa de Santo Antônio. Elas são um meio de expressar a devoção ao santo padroeiro e ao mesmo tempo celebrar a identidade cultural do povo de Barbalha. As apresentações dessas bandas, com suas músicas e danças, estão imersas em símbolos que envolvem a fé, a festa e a união comunitária.

Durante a visita, os alunos serão convidados a refletir sobre o significado simbólico de cada instrumento e de cada música tocada pela banda. Também será discutido o papel das Bandas Cabaçais como meio de preservação da memória cultural e religiosa de Barbalha, e como elas ajudam a manter vivas as tradições da cidade.

e) Experiência Prática com os Estudantes

A parte prática do roteiro envolve a participação ativa dos estudantes na execução de uma Banda Cabaçal. Os alunos poderão tentar tocar os instrumentos típicos, como as cabaças e tambores, sob a orientação dos membros do grupo. Essa atividade permitirá que os alunos vivenciem a experiência de fazer parte da banda e compreendam o processo criativo e colaborativo que envolve a execução das músicas.

Além de tocar os instrumentos, os estudantes também poderão participar das danças típicas que acompanham a banda, aprendendo os passos tradicionais que fazem parte das apresentações. A experiência prática visa proporcionar uma imersão cultural, permitindo que os alunos se conectem com a tradição de Barbalha e compreendam a importância das Bandas Cabaçais na identidade local.

f) Reflexão e Encerramento

Ao final do roteiro, os alunos serão convidados a refletir sobre o que aprenderam durante a visita e a experiência prática. Eles discutirão como as Bandas Cabaçais desempenham um papel vital na cultura e identidade de Barbalha, e como as tradições são preservadas através da música, da dança e da participação comunitária. Também será discutido como a folclorização e o turismo afetam a continuidade das tradições locais e o papel da comunidade na preservação de sua cultura.

O encerramento do roteiro incluirá um momento de debate, onde os alunos poderão compartilhar suas opiniões sobre o impacto cultural e social das Bandas Cabaçais, e como elas continuam a ser uma forma de resistência cultural e expressão da identidade popular de Barbalha.

Parte IV

*Salvaguarda do Desfile dos
Grupos de Folgedos e das
Bandas Cabaçais*

Parte IV

Salvaguarda do Desfile do Grupos de Folgedos e das Bandas Cabaçais

Como discutido ao longo deste roteiro, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio está profundamente enraizada no sentimento de pertencimento da população de Barbalha. Essa celebração transcende os limites do núcleo urbano, abrangendo moradores das periferias, sítios e distritos, sendo um momento de reencontro entre famílias e reafirmação da vivência comunitária. Essa convivência, muitas vezes fundamentada em papéis transgeracionais, reafirma a identidade local.

Nesse contexto, cabe destacar a importância da salvaguarda do desfile dos grupos de folgedos e das bandas cabaçais, elementos indispensáveis à celebração. O desfile, realizado na manhã da abertura da festa, é resultado da interação de três agentes principais: a Paróquia de Santo Antônio, a Prefeitura Municipal de Barbalha e o Capitão do Pau da Bandeira, que representa os Carregadores. Esses grupos, especialmente os Reisados, as Bandas Cabaçais e as Ordens Penitentes, possuem dinâmicas próprias, muitas vezes independentes da festa, mas enfrentam desafios crescentes de sustentabilidade e continuidade de suas práticas.

Outrossim, a escassez de estudos atualizados sobre as práticas culturais associadas à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é um dos principais desafios para a sua salvaguarda. O último levantamento significativo foi realizado pelo IPHAN-CE no Dossiê de Registro: Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, publicado em 2015. Esse documento já apontava a dificuldade em renovar as informações sobre as manifestações culturais locais, especialmente as que envolvem grupos tradicionais, como os Reisados, as Bandas Cabaçais e as Ordens Penitentes.

Hoje, nove anos depois, essa renovação de dados ainda não ocorreu, o que intensifica a necessidade urgente de atualização.

Sem informações atualizadas, torna-se difícil compreender a real situação dessas práticas culturais e traçar estratégias efetivas para a sua continuidade. Assim, é fundamental que, após o registro do bem cultural, o diálogo com esses grupos seja restabelecido. Esse processo deve buscar não apenas esclarecer o significado do registro e os papéis do Iphan e dos detentores, mas também identificar desafios específicos enfrentados pelos grupos no contexto atual. Entretanto, ações de identificação ou intervenção imediata podem ser prematuras, considerando a possível resistência dos próprios detentores diante de novas propostas.

Documentar essas expressões culturais é, portanto, uma prioridade. No entanto, essa ação deve ser conduzida de forma participativa, com a anuência e o engajamento dos detentores, garantindo que o processo de salvaguarda respeite as especificidades culturais de cada grupo e promova a valorização de suas práticas na contemporaneidade.



Vaqueiro na Festa de Santo Antônio.
Autor: Maurício Albano, 2010 - IPHAN.



Parte V

Dicas de Leitura



Parte V

Dicas de Leitura

A leitura de certos livros pode ser uma maneira eficaz de compreender a riqueza cultural e histórica da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e sua relação com os grupos folclóricos e o patrimônio local de Barbalha.

A seguir, apresentamos uma seleção de obras que abordam a festa, o folclore, a história local e as transformações que marcaram a celebração ao longo dos anos.



BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE, 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. História, 2010.

Analisa memórias e narrativas da Irmandade da Cruz de Barbalha, destacando o papel dos penitentes na preservação da religiosidade e cultura popular do Cariri.



VIANA, José Ítalo Bezerra. As muitas artes do Cariri: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. 257f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2017.

Explora a relação entre turismo e patrimônio cultural no Cariri, mostrando como tradições locais são ressignificadas para fins identitários e econômicos.



SILVA, Simone Pereira da. Festa de Santo Antônio de Barbalha: usos do passado no século XXI. 2021. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

Investiga os usos do passado na Festa de Santo Antônio, destacando como ela foi transformada em patrimônio imaterial e símbolo cultural de Barbalha.



SANTOS, Ruth Rodrigues. A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a resignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades. 112f. João Pessoa, 2015.

Estuda as continuidades e mudanças na Festa do Pau da Bandeira, evidenciando seu processo de resignificação frente às novas demandas sociais e culturais.



SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013.

Apresenta memórias e práticas de fé em torno de Santo Antônio, destacando o papel da devoção e da festa na construção identitária de Barbalha.



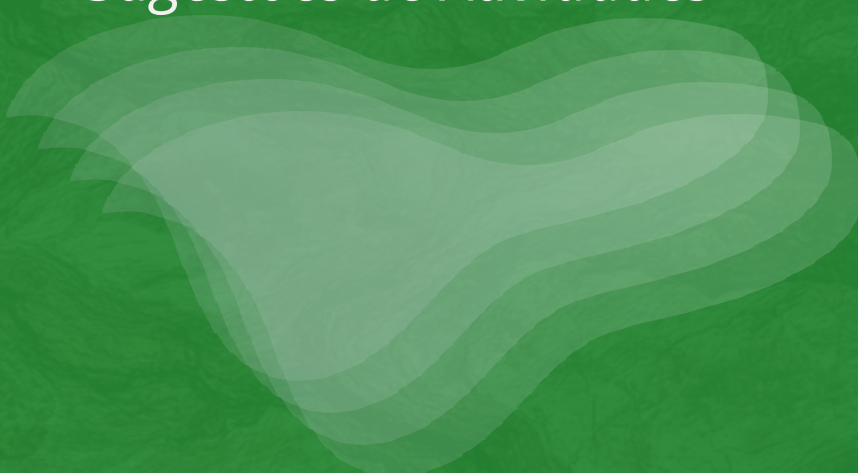
MOTT, L. Santo Antônio. O divino capitão-do-mato. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Interpreta Santo Antônio como figura de resistência afrodescendente, conectando sua devoção à luta dos quilombolas e à simbologia popular no Brasil.



Parte VI

Sugestões de Atividades



Parte VI

Sugestões de Atividades

A fim de proporcionar uma experiência educativa que integre a teoria e a prática sobre as transformações da Festa do Pau da Bandeira e a cultura local de Barbalha, algumas atividades podem ser aplicadas em sala de aula.

Essas atividades visam estimular o interesse dos alunos pela história, pelos grupos folclóricos e pelos aspectos culturais que compõem a identidade de Barbalha, ao mesmo tempo que incentivam a participação ativa e o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e colaborativas.

1. Debate sobre a Festa do Pau da Bandeira e a Cultura Local

O debate é uma excelente maneira de fomentar o pensamento crítico entre os alunos. Proponha uma discussão sobre como as transformações da Festa do Pau da Bandeira impactaram a cultura local de Barbalha. Perguntas como: “Como a festa de Santo Antônio tem se adaptado às mudanças sociais e culturais ao longo do tempo?” ou “De que forma a preservação dos grupos folclóricos contribui para a identidade cultural da cidade?” podem gerar conversas enriquecedoras e reflexivas. Os alunos podem se dividir em grupos e apresentar diferentes perspectivas sobre a festa e a cultura local.

2. Roda de Conversa sobre as Experiências de Visitação

Após uma visita aos pontos turísticos de Barbalha, promova uma roda de conversa em sala de aula. O objetivo é que os alunos compartilhem suas experiências e impressões sobre os locais visitados. A roda de conversa pode ser um espaço para questionamentos, aprofundamento dos temas discutidos e troca de aprendizados entre os alunos.

A partir desse momento, eles poderão construir um entendimento mais profundo sobre a importância dos espaços culturais da festa e dos grupos folclóricos da cidade.

3. Produção Textual: Redação sobre a visita aos espaços culturais da festa

Solicite aos alunos que escrevam uma redação detalhando a visita aos pontos históricos e grupos folclóricos de Barbalha. Eles devem destacar os principais pontos que aprenderam, como a importância de cada local para a história da cidade, as manifestações culturais e os grupos folclóricos que compõem a festa. Essa atividade estimula a escrita reflexiva e a organização de ideias, além de ajudar na consolidação do conhecimento adquirido durante as visitas.

4. Cartazes com Imagens: Elementos Visuais da Cultura Local

Divida a turma em grupos e solicite que criem cartazes representando os elementos visuais da festa de Santo Antônio e dos grupos folclóricos de Barbalha. Eles podem incluir fotos de pontos turísticos, imagens dos grupos folclóricos, como as quadrilhas e os reisados, e elementos simbólicos da festa. Os cartazes podem ser expostos na escola, permitindo que os alunos compartilhem com a comunidade escolar o que aprenderam sobre a cultura local de maneira visual e criativa.

5. Apresentação Oral sobre Cada Ponto Turístico

Organize uma atividade de apresentação oral em que os alunos, em grupos, preparem e apresentem informações sobre os pontos turísticos de Barbalha.

Cada grupo ficará responsável por pesquisar sobre um determinado ponto, como a Igreja Matriz de Santo Antônio, o Casarão Hotel, o Palácio 03 de Outubro, entre outros, e apresentará os aspectos históricos, arquitetônicos e culturais de cada um. Esta atividade fortalece as habilidades de pesquisa, organização e comunicação dos alunos.

6. Maquetes dos Pontos Turísticos de Barbalha

Como uma atividade prática e criativa, os alunos podem criar maquetes dos pontos turísticos de Barbalha. Utilizando materiais recicláveis e outros recursos acessíveis, eles poderão representar de forma tridimensional locais importantes da cidade, como a Igreja Matriz de Santo Antônio, o Casarão Hotel e a Igreja do Rosário. Ao criar as maquetes, os alunos aprenderão mais sobre as características arquitetônicas e a importância histórica desses locais.

7. Jogo de Perguntas e Respostas (Quiz) sobre Barbalha

Elabore um quiz interativo sobre a Festa do Pau da Bandeira e os grupos folclóricos de Barbalha. As perguntas podem abordar aspectos históricos, culturais e simbólicos relacionados aos pontos turísticos, aos grupos folclóricos e à festa. Esse jogo de perguntas e respostas pode ser realizado em sala de aula, estimulando a competição saudável e ajudando os alunos a revisar o conteúdo de forma divertida e dinâmica. Os alunos podem se dividir em equipes e disputar para ver quem sabe mais sobre a história e cultura de Barbalha.

Essas atividades são formas eficazes de envolver os alunos em uma experiência educativa e reflexiva sobre a festa de Santo Antônio e a cultura local de Barbalha. Elas ajudam a desenvolver diversas habilidades, como pensamento crítico, criatividade, pesquisa, expressão oral e escrita, além de promoverem uma compreensão mais profunda do patrimônio cultural e histórico da cidade. Ao utilizar essas atividades em sala de aula, os professores contribuem para a valorização da cultura local e para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos.

Referências Bibliográficas

ABREU, Marta. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

AMARAL, Rita. Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que não é sério. Publicação eletrônica eBooksBrasil.org, 2001. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ANDRADE, Mário de. O Baile das Quatro Artes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1937.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Governador do Estado do Ceará José Clarindo de Queiroz. 15/06/1891. Caixa: 21 B, pasta 9 (1847-1921), fl. s/n.

BARBALHA ESQUECIDA. Igreja Matriz de Barbalha. Disponível em: <https://barbalhaesquecida.home.blog/2020/06/14/igreja-matriz-de-barbalha/>. Acesso em: 06 out. 2024.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE, 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. História, 2010.

BUENO, D. de A.; URBAN, A. C. Educação histórica e patrimônio cultural: contribuição para o ensino de história. Vivências, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 235–248, 2024.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Parecer nº 51/DPI/IPHAN/MinC: Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha/CE. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_dpi_santo_antonio_barbalha.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRITO, Maria do Socorro. Mudanças na organização do espaço: o novo e o velho no Cariri canavieiro cearense. Fortaleza: IOCE, 1985.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). Dicionário temático de patrimônio. 1ed. São Paulo: Unicamp, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro. Editora Itatiaia, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Global, 1978.

CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Escola de Saberes Tradicionais de Barbalha. Mapa Cultural do Ceará. Disponível em:
<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agent/e/36735/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CASTRO, Beatriz. Chá do padroeiro dos casamenteiros faz milagre e acaba com a solteirice. G1 Globo Repórter, Barbalha, Ceará, 24 jun. 2011.
Disponível em:
<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2011/06/cha-do-padroeiro-dos-casamenteiros-faz-milagre-e-acaba-com-solteirice.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CEARÁ. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Escola de Saberes Tradicionais de Barbalha. Mapa Cultural do Ceará. Disponível em:
<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agent/e/36735/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem: Uma Análise do Cariri no Século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 39, 2011, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu,

ANPEC, 2011, p. 2. Disponível em:
<http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000-b3c878c112b2367b0dd6c566dce85b2d.pdf>. Acesso em: 16 de jul. 2024.

DAMATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando. Carnavais, malandros e heróis, v. 3, 1979.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1984. (Vol. 7).

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

DUARTE, Terezinha Couto. Saudação a S. Antônio. Revista Itaytera, Crato, n. 23, 1979.

FÉ e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. Diário do Nordeste. Fortaleza, 01 jun. 1988.

SÁ. Maria Yacê Carleial Feijó de. Os homens que faziam o Tupinambá Moer: experiência e trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. p. 42.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. O folclore no Cariri. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962; e CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. A Construção da “Cidade da Cultura”: Crato (1889-1960). Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

FUNES, Eurípedes A. Nasci nas Matas nunca Tive Senhor – história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Resgate (Revista Interdisciplinar de Cultura). Campinas, p.138, n. 7, 1997.

FRAZER, Sir James George. O Ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREYRE, Gil. Casa-grande e senzala. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GADOTTI, Moacir. Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez, 2000.

GAMBOSO, Vergílio. Vida de Santo Antônio. Aparecida-SP: Santuário, 1994.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secult conclui revitalização do Casarão Hotel. 2022. Disponível em:
<https://barbalha.ce.gov.br/informa/1552/secult-conclui-revitaliza-o-do-casaro-o-hotel>. Acesso em: 09 out. 2024.

GRINSPUM, Denise. Educação para o Patrimônio: Museu de Arte de Escola. Responsabilidade compartilhada na formação de público. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP: São Paulo, 2000.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IPHAN-CE. Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Organização Igor de Menezes Soares ; Ítala Byanca Moraes da Silva. Fortaleza: Iphan, 2013.

IPHAN-CE. Dossiê de registro: festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2015.

LIMA, Gorete Pereira Amorim. Gorete Pereira Amorim Lima. Entrevista [09 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira dos Santos. Barbalha, 2003.

LIMA, Rossini Tavares de. A Cultura Popular no Brasil. Rio de Janeiro: MARTINS FILHO, A.; GIRÃO, R. O Ceará. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966.

MOTT, Luiz. Santo Antônio. O divino capitão-do-mato. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NASCIMENTO, José Clewton. Rescala no Ceará (1941): apontamentos sobre a arquitetura tradicional cearense. In. SOARES, I. de M.; SILVA, Í. B. M. da (Org.). Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva. Fortaleza: Iphan, 2014. v.1, p. 415-439.

NEVES, Napoleão Tavares. Pequena história da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha. Barbalha-CE, 1988.

NOGUEIRA, R. C. dos Santos. Contribuições da educação patrimonial na escola de ensino médio de tempo integral Virgílio Távora no fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade de Barbalha-CE. Dissertação (Mestrado) – MPEDU, Universidade Regional do Cariri, 2021.

OLIVEIRA, Antônio Glauber Alves. Para Além do sagrado: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, Almir de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Org.). Leis Provinciais: estado e cidadania (1835-1861). Compilação das Leis Provinciais do Ceará - compreendendo os anos de 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Ed. fac-sim. Fortaleza: INESP, 2009.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. Correspondência de Luís da Câmara Cascudo: arquivos da criação e redes de sociabilidade intelectual. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13092016-134518/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

PAU de Santo Antônio. O Povo. Fortaleza, p.5, 7 jun. 1987.

PEIXOTO, Pedro Fernando Viana. A festa de Santa Quitéria de Frexeiras: memórias das festas e Romarias no santuário de Frexeiras – Garanhuns-PE. 2024. 76f. Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado Profissional em História, 2024.

PEREZ, Léa Freitas. Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil. Porto PINHEIRO, Irineu. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: [s.n.], 1950.

PINHEIRO, Irineu. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.

PRACIANO, Ivonildo. Festa de Santo Antônio tem o mesmo cheiro de terra. O Povo. Fortaleza, 02 jun. 1993.

PROSAS. Escola de Saberes Tradicionais de Barbalha. Disponível em: https://prosas.com.br/empreendedores/33050#!#tab_vermais_descricao. Acesso em: 28 abr. 2025.

RAÍZES DE CONCRETO. Palácio 03 de Outubro. Disponível em: <https://raizesdeconcreto3.wixsite.com/barbalha/blank-4>. Acesso em: 09 out. 2024.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Very Nepec, 1996.

QUIXERAMOBIM. A tradicional festa de Santo Antônio. O Nordeste. Fortaleza, p.22, 29 jun. 1938.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. Os homens que faziam o Tupinambá moer: experiência e trabalho em engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980). 2007. 362f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2007.

SANCHIS, Pierre. Arraial: festa de um povo, as festas católicas portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Lidia Rafaela Nascimento dos. Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850). 144f. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

SANTOS, Rafael Brondani dos. Santo Soldado: Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista. In: Simpósio Nacional de História (ANPUH), XXIII, 2005, Londrina. Anais eletrônicos... Londrina: UFPR, 2005. p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0839.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SANTOS, Isabel Dâmaso. Las fiestas de San Antonio em Lisboa: Manifestaciones de cultura popular en espacio urbano. Disponível em: <<http://193.147.33.53/selicup/images/stories/actas4/comunicaciones/globalizacion/DAMASO.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SANTOS, Ruth Rodrigues. A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades. 112f. João Pessoa, 2015.

SILVA, Simone Pereira da. Festa de Santo Antônio de Barbalha: usos do passado no século XXI. 2021. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Moraes da. (Org.). Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013.

SILVA, Jane. Um “Oásis” Chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, Natureza, Paisagem e Construção Identitária do Sul Cearense (1950-1970) / Jane Silva. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 267 p. 2019.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. Tempo. Rio de Janeiro, n. 11, p. 172. Ver também: SOUZA, Marina de Mello e; VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. Tempo. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 95-118, 1998.

SOUZA, Océlio Teixeira de. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998). 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

STUDART, Guilherme. Descrição do município de Barbalha. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Typ. Economica, 1888, t. II, p. 9.

STUDART, Guilherme. Geographia Physica e Política da Barbalha. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Typ. Minerva, t. XXIV, 1910.

SUASSUNA, Ariano. A Pedra do Reino. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980.

TRIGUEIRO, Oswaldo Meira. O Sertão e o Folclore. Editora Universitária, 1975.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. Revista USP. São Paulo, n. 57, março/maio 2003.

VIANA, José Ítalo Bezerra. As muitas artes do Cariri: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. 257f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História.

VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e Missão: O movimento folclórico brasileiro (1947 - 1964). Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

